

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Instituto de Ciência Humanas**  
**Departamento de Museologia, Conservação e Restauro**  
**Curso de Bacharelado em Museologia**



**Trabalho de Conclusão de Curso**

**Audiodescrição da coleção Coordenação de Comunicação Social – CCS,  
acervo da Fototeca Memória da Universidade Federal de Pelotas - UFPel**

**Carolina da Motta Tavares**

Pelotas, 2017

**Carolina da Motta Tavares**

**Audiodescrição da coleção Coordenação de Comunicação Social- CCS,  
acervo da Fototeca Memória da Universidade Federal de Pelotas – UFPel**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Instituto de Ciências Humanas da Universidade  
Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção  
do título de Bacharel em Museologia

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Mari Lucie da Silva Loreto

Pelotas, 2017

Dedico este trabalho  
À minha mãe Liziana,  
E ao meu namorado Miguel.

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer minha mãe Liziana, e ao meu padrasto Daniel, por terem me criado e por sempre me incentivarem a seguir em frente na vida, e nos estudos.

Ao meu namorado Miguel, por sempre me apoiar, me dar carinho, e nunca me fazer desistir mesmo diante das dificuldades, e por todos os momentos que esteve comigo ao longo da graduação, da monografia e por estar sempre ao meu lado.

A minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mari Lucie da Silva Loreto, por aceitar me orientar, por todas as orientações, conselhos e palavras amigas ao longo do Trabalho de Conclusão de Curso, suas palavras me ajudaram muito.

A professora Francisca Ferreira Michelon, pois minha Monografia foi inspirada nos seus projetos que eu participei como voluntária e como bolsista ao longo da minha graduação, pela confiança ao me deixar apresentar trabalhos levando o nome de seus projetos.

Por fim, aos professores que ao longo da graduação me incentivaram nos estudos, aos colegas, em especial ao Rafael, que apesar dos conflitos e nervosismos da graduação, continuamos nos ajudando, principalmente nessa etapa tão importante.

“Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível” (Charles Chaplin, 1889 – 1977)

## **Resumo**

TAVARES, Carolina da Motta. **Audiodescrição da coleção Coordenação de Comunicação Social – CCS, acervo da Fototeca Memória da Universidade Federal de Pelotas – UFPel.** Monografia (Graduação) – Curso de Bacharelado em Museologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas – RS. 2017, 103 p.

Esta monografia apresenta o estudo e execução de Audiodescrição (AD), de quatorze fotografias que compõe a coleção Coordenação de Comunicação Social – CCS, acervo salvaguardado pela Fototeca Memória da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, além disso, contextualiza os princípios básicos do recurso de audiodescrição aplicados na coleção Coordenação de Comunicação Social -CCS, e a importância deste recurso de acessibilidade dentro de instituições museológicas. Como estratégia metodológica foi realizado um questionário composto por oito perguntas, aplicadas com onze alunos da escola Louis Braille, da cidade de Pelotas no estado do Rio Grande do Sul. Os principais autores utilizados foram Viviane Panelli Sarraf; Livia Maria Villela de Mello Motta; Francisca Ferreira Michelon; Felipe Leão Mianes , Maria Isabel da Silva, Eliana Paes Cardoso Franco, Manoela Cristina Correia Carvalho Silva.

Palavras – chave: Audiodescrição; Acervos Fotográficos; Acessibilidade

## ***Lista de Figuras***

Figura 1: Sub-coleções que está dividida a coleção Coordenação de Comunicação Social – CCS .....	36
Figura 2: Fotografia da XX Reunião do Conselho de Reitores, gestão de Delfim Mendes (1969-1977) .....	39
Figura 3: Fotografia da posse do primeiro reitor da Universidade Federal de Pelotas Delfim Mendes (1969-1977) .....	40
Figura 4: Fotografia da inauguração do Pórtico do Campus Capão do Leão da Universidade Federal de Pelotas, na gestão de Ibsen Stephan (1977-1981) ..	41
Figura 5: Fotografias do discurso na inauguração do Pórtico do Campus Capão do Leão, da Universidade Federal de Pelotas, na gestão de Ibsen Stephan (1977-1981).....	42
Figura 6: Fotografia da assinatura de convênio da Universidade Federal de Pelotas, pelo reitor José Emílio Araújo(1982-1984) .....	43
Figura 7: Fotografia da missa na Catedral São Francisco de Paula, reitor José Emilio com Dom Antônio Zattera (1982-1984) .....	44
Figura 8: Fotografia da posse do reitor da Universidade Federal de Pelotas Ruy Antunes (1984-1988).....	45
Figura 9: Fotografia da reunião no Gabinete da Reitoria, na gestão de Ruy Antunes (1984-1988).....	46
Figura 10: Fotografia da reunião do reitor Amilcar Gigante, com César Borges e Renato Varoto(1989-1993).....	47
Figura 11: Fotografia da assinatura do Convênio do Meio-Ambiente com a Universidade Federal de Pelotas, na gestão de Amilcar Gigante (1989-1993)	48
Figura 12: Fotografia do anúncio da campanha para o Hospital da Universidade Federal de Pelotas, na gestão de César Borges (1993-1997) .....	49
Figura 13: Fotografia da visita as Futuras Instalações da Universidade Federal de Pelotas, no antigo Frigorífico Anglo, na gestão de César Borges(2005-2013) .....	50
Figura 14: Fotografia da inauguração de placa comemorativa na faculdade de Ciências Domésticas, na gestão de Inguelore Scheunemann (1997-2004)....	51
Figura 15: Fotografia do conserto de comemoração aos 80 anos do Conservatório de Música, na gestão de Inguelore Scheunemann (1997-2004).	52

### **Lista de Abreviaturas**

AD – Audiodescrição

ABNT/ NBR – Associação Brasileira de Normas Técnicas/ Normas Brasileira

CCS – Coordenação de Comunicação Social

EJA – Ensino de Jovens e Adultos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

LBI – Lei Brasileira de Inclusão

UFPel- Universidade Federal de Pelotas

## **Lista de Gráficos**

Gráfico 1: Faixa Etária das pessoas com deficiência visual .....	54
Gráfico 2: Escolaridade das pessoas com deficiência visual .....	55
Gráfico 3: Graus de deficiência visual .....	56
Gráfico 4: Questão 1) Gostou de escutar as audiodescrições das fotografias?57	
Gráfico 5: Questão 2) Com a audiodescrição você conseguiu imaginar a fotografia? .....	57
Gráfico 6: Questão 3) Qual fotografias mais lhe chamou atenção? .....	58
Gráfico 7: Questão 4) E esta fotografia que você mais gostou possui muitos elementos?.....	59
Gráfico 8: Questão 5) Você gostou de mais de uma fotografia? .....	60
Gráfico 9: Questão 6) Quais fotografias que mais gostou? .....	60
Gráfico 10: Questão 7) Você gostaria de conhecer mais fotografias do acervo? .....	61
Gráfico 11: Questão 8)Você gostaria de deixar sua opinião sobre as audiodescrições apresentadas?.....	62

## **Lista de Tabelas**

Tabela 1: Legenda das fotografias mais citadas pelos participantes da pesquisa	.....	61
--	-------	----

1 - INTRODUÇÃO .....	13
2 – HISTÓRICO DA ACESSIBILIDADE NO BRASIL .....	16
2.1 Acessibilidade em Museus Brasileiros .....	18
3 – RECURSOS DE ACESSIBILIDADE EM MUSEUS BRASILEIROS .....	24
3.1 – Audiodescrição (AD).....	26
4 – AUDIODESCRIÇÃO DE ACERVOS FOTOGRÁFICOS.....	32
4.1 - Coleção Coordenação de Comunicação Social – CCS .....	35
4.2 - Audiodescrições realizadas na coleção Coordenação de Comunicação Social – CCS .....	37
4.3 - O questionário e a análise de seus dados .....	52
5 - Considerações Finais.....	64
6 - Referências bibliográficas .....	66
Fontes Orais.....	70
Anexos .....	71
Anexo A.....	72
Anexo B.....	73
Anexo C .....	74
Anexo D .....	75
Anexo E.....	76
Anexo F .....	77
Anexo G .....	78
Anexo H .....	79
Anexo I .....	80
Anexo J .....	81
Anexo K.....	82
Apêndices.....	83
Apêndice A.....	84
Apêndice B .....	85



## **1 - INTRODUÇÃO**

A presente monografia é resultado da execução de Audiodescrição (AD), de quatorze fotografias que compõem a coleção Coordenação de Comunicação Social – CCS, acervo salvaguardado pela Fototeca Memória da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, desenvolvida ao longo de um ano, sob a orientação da Professora Doutora Mari Lucie da Silva Loreto.

Além disso, pesquisa tem como objetivo central explicitar os princípios básicos do recurso de audiodescrição aplicados em parte do acervo fotográfico da coleção Coordenação de Comunicação Social – CCS, além disso, explica-se a importância desse recurso dentro de uma instituição museológica. As categorias de análise da presente monografia foram: audiodescrição, acervos fotográficos e acessibilidade.

O uso da coleção Coordenação de Comunicação Social – CCS foi devido ao conjunto retratar através de fotografias de eventos importantes a trajetória histórica da Universidade Federal de Pelotas, e com o recurso de audiodescrição, parte da história da universidade, o qual ficará disponível também para as pessoas com deficiência visual.

Ao utilizar esse recurso, tais informações recebidas pelo público alvo, tornam-se mais compreensíveis, e também é uma maneira de eliminar barreiras informacionais. Desse modo, pode-se de fato efetivar a inclusão cultural de pessoas com deficiência visual.

Com o objetivo de apontar a importância da audiodescrição de parte do acervo da coleção Coordenação de Comunicação Social – CCS, elaborou-se um questionário, composto por oito perguntas, que foram realizadas com alunos da escola Louis Braille, na cidade de Pelotas-RS. A escolha do público, ocorreu pelo fato da escola trabalhar principalmente com pessoas com deficiência visual.

Tais perguntas foram estruturadas, a partir do estudo de público, utilizando como procedimento o questionário, uma pesquisa documental acerca dos conceitos de audiodescrição e como ocorre a aplicação desse recurso. Por questões de ética, e levando em consideração os princípios da pesquisa científica com seres humanos, bem como no sentido de preservar a identidade

dos participantes do questionário, utilizou-se apenas as iniciais de nome e sobrenome.

No recorte realizado, optou-se por trabalhar com parte do acervo da coleção Coordenação de Comunicação Social – CCS, por este conter cerca de oito mil fotografias. Como critério de seleção, foram escolhidas fotografias de cada um dos oito subconjuntos, no qual a coleção está dividida, essas divisões foram realizadas de acordo com as gestões administrativas da universidade.

Devido a dois subconjuntos serem da mesma gestão administrativa, escolheu-se uma fotografia da primeira e outra da última gestão, que formaram um total de quatorze fotografias da coleção Coordenação de Comunicação Social – CCS.

Para apresentação da pesquisa acerca deste acervo fotográfico, a estrutura da presente monografia está dividida em três capítulos com subcapítulos.

No primeiro capítulo trata-se do Histórico da Acessibilidade no Brasil, trazendo leis, decretos e normas criados na área, e em seu subcapítulo contempla-se a Acessibilidade em Museus Brasileiros, utilizando além da legislação da área da acessibilidade no Brasil, alguns autores como: Viviane Panelli Sarraf, Maria Isabel da Silva, e as leis nº 7.405, 7.853, 10.048, 10.098, 11.904, 13.146, decretos nº 3.298, 3.956, 5.296, 6.949, instrução normativa nº 1 do Instituto do Patrimônio Artístico Nacional – IPHAN, e a ABNT NBR 9050, da Associação Brasileira de Normas Técnicas.

O segundo capítulo aborda exemplos de recursos de acessibilidade em Museus Brasileiros, e no seu subcapítulo trata-se mais especificamente a Audiodescrição, onde os autores utilizados foram Livia Maria Villela de Mello Motta, Paulo Romeu Filho, Francisco Lima, Eliana Paes Cardoso Franco, Manoela Cristina Correia Carvalho Silva, Felipe Leão Mianes, Thaisa Cristina Antonelli Maia, Janine da Mota Rosa, Marco Antônio Bonito, Iracema Vilaroga.

E, por fim, o terceiro capítulo, que está dividido em dois subcapítulos, fala, em primeiro lugar, da Audiodescrição de acervos fotográficos, no primeiro subcapítulo, entra-se no histórico da coleção Coordenação de Comunicação

Social – CCS, então no segundo subcapítulo, abordam-se as quatorze Audiodescrições realizadas, e no último subcapítulo, o questionário e a análise dos seus resultados. Neste capítulo, foram consultadas as obras dos autores: Desireé Nobre Salazar, Ubirajara Buddin Cruz, Aura Rojas Barreto, Francisca Ferreira Michelon, Francisco Carlos Paletta, Leandro Freitas Pereira, Carolina da Motta Tavares, Fernando de Paula Zamboni, Carolina Gomes Nogueira, Bruna Peres Cardoso e Jossana Peil Coelho.

Finalmente, encerra-se o presente trabalho com as considerações sobre o tema tratado, o qual tomou extrema relevância durante as pesquisas e continuará sendo importante no decorrer da história da sociedade, enquanto cidadãos de bem e conscientes de sua empatia com o próximo.

## 2 – HISTÓRICO DA ACESSIBILIDADE NO BRASIL

Segundo dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, do ano de 2010, existem 35.774.392 milhões de pessoas com deficiência visual, em diferentes níveis, isso significa cerca de 18% da população brasileira em 2010.

Apesar disso, a legislação na área, obteve maior importância a partir dos anos 80, quando as leis que beneficiavam as pessoas com deficiência no país, começaram a ganhar notoriedade com maior rigor.

Visto que os primeiros exemplos de leis, normas e decretos, surgiram a partir de 1985, com a lei nº 7.405, de 12 de novembro de 1985, que torna obrigatória a colocação do “Símbolo Internacional de Acesso” em todos os locais e serviços que permitam sua utilização por pessoas portadoras de deficiência.

Após quatro anos, foi criada a lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, que dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência.

Antes dos anos 2000, ainda foi criado o decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999, que além de regulamentar a lei acima citada, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção.

No ano de 2000, foram criadas duas leis e um decreto lei, sendo respectivamente, as leis nº 10.048 de oito de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas, principalmente as com deficiência, a lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida.

Um ano depois, foi criado o decreto nº 3.956, de oito de outubro de 2001, que promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência.

Se tratando da área patrimonial, foi criada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, a instrução normativa nº 1, em 25 de novembro de 2003, a qual dispõe sobre a acessibilidade aos bens culturais imóveis acautelados em nível federal, entre outras categorias, para que os patrimônios sejam preservados, mas que ao mesmo tempo, possam ser utilizados por pessoas com deficiência.

No ano de 2004, foram criados o decreto nº 5.296, de dois de dezembro de 2004, que regulamenta as leis nº 10.048, de oito de novembro de 2000, e a lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

Também a Associação Brasileira de Normas técnicas criou a ABNT NBR 9050 de 2004, que estabelece uma normatização técnica para o país, assim como prevê a adequação dos espaços públicos, baseando-se nos princípios do desenho universal, que preza pela “concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem utilizados por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou projeto específico”.

Após cinco anos, foi criada a lei nº 11.904, de 14 de Janeiro de 2009, que institui o Estatuto dos Museus, bem como prevê acessibilidade em dois artigos, sendo eles respectivamente, 35 e 46.

O artigo 46 foi incluso no Estatuto dos Museus após a criação a lei nº 13.146, de seis de julho de 2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Através dessa lei que os recursos de acessibilidade estão tornando-se mais frequentes. O artigo que interessa a presente pesquisa com maior profundidade é o nº 67, onde prevê que:

Os serviços de radiodifusão de sons e imagens devem permitir o uso dos seguintes recursos, entre outros:  
I subtitulação por meio de legenda oculta;  
II janela com intérprete das Libras;  
III audiodescrição.  
(LEI nº 13.146 de 6 de Julho de 2015, art. 67, p.14)

Baseando-se na legislação, na área de Acessibilidade, na área Patrimonial e em Museus, que se apresentará como ocorre a acessibilidade em museus, quais os recursos de acessibilidade utilizados em Museus

Brasileiros, dando maior ênfase à Audiodescrição (AD), como este recurso será utilizado em acervos fotográficos, e qual foi a sua aplicação na coleção Coordenação de Comunicação Social – CCS, acervo da Fototeca Memória da Universidade Federal de Pelotas, e qual o resultado obtido no acervo a partir do uso do recurso de AD.

## 2.1 Acessibilidade em Museus Brasileiros

A acessibilidade é compreendida, como forma de facilitação das tarefas do cotidiano, promovendo a autonomia e eliminação de barreiras físicas, comunicacionais, informacionais e sensoriais, das pessoas com deficiência. Para que o entendimento sobre a acessibilidade ocorra de melhor maneira, serão abordados dois conceitos acerca do tema.

O primeiro deles, segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), o conceito de acessibilidade: “É a possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para utilização com segurança e autonomia de edificações, espaço, mobiliário, equipamento urbano e elementos” (ABNT, NBR 9050/2004, p.2).

Já a lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, traz em seu artigo 2º, acessibilidade como:

(...) possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida. (LEI Nº 10.098, DE 19 DE DEZEMBRO DE 2000, p. 1).

Analisando a lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto dos Museus, em relação à acessibilidade, este prevê que ocorra a preservação dos bens culturais, e o acesso livre para todos os públicos, como se pode observar em seu artigo 2º, onde diz que:

Art. 2º São princípios fundamentais dos museus:  
I – a valorização da dignidade humana;  
II – a promoção da cidadania;

III – o cumprimento da função social;  
 IV – a valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental;  
 V – a universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural;  
 VI – o intercâmbio institucional.  
 (LEI Nº 11.904, DE 14 DE JANEIRO DE 2009, art. 2º, p.1).

Portanto, ao observar-se a lei da área da Museologia, esta desde o seu início prevê, que todos devem ter acesso aos museus, assim como cumprimento da função social, e valorização da dignidade humana, e isso só poderá ser efetivado quando todos os públicos tiverem acesso tanto aos museus, como às informações contidas nele.

Os direitos que as pessoas com deficiência possuem, já estavam previstos antes mesmo da lei nº 11.904, no decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009, mais especificamente em seu artigo 30, parágrafos 1º e 3º, onde diz que:

#### Artigo 30

Participação na vida cultural e em recreação, lazer e esporte.

1. Os Estados, Partes reconhecem o direito das pessoas com deficiência de participar na vida cultural, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, e tomarão todas as medidas apropriadas para que as pessoas com deficiência possam:

- a) Ter acesso a bens culturais em formatos acessíveis;
- b) Ter acesso a programas de televisão, cinema, teatro e outras atividades culturais, em formatos acessíveis; e
- c) Ter acesso a locais que ofereçam serviços ou eventos culturais, tais como teatros, museus, cinemas, bibliotecas e serviços turísticos, bem como, tanto quanto possível, ter acesso a monumentos e locais de importância cultural nacional.

3.Os Estados Partes deverão tomar todas as providências, em conformidade com o direito internacional, para assegurar que a legislação de proteção dos direitos de propriedade intelectual não constitua barreira excessiva ou discriminatória ao acesso de pessoas com deficiência a bens culturais.

(DECRETO Nº 6.949, DE 25 DE AGOSTO DE 2009, p. 14).

E para que todos os públicos tenham acesso em todos os níveis, os museus devem estar acessíveis, para todos os tipos de deficiência, utilizando recursos que facilitem a compreensão das informações, assim eliminando barreiras, informacionais, comunicacionais, e também barreiras físicas.

Os museus só poderão cumprir seu papel social, quando todos os públicos estiverem incluídos dentro de suas instituições, e para isso, tanto as leis, como os recursos de acessibilidade, devem estar contemplados nesses espaços.

Segundo o artigo 35, “Os museus caracterizar-se-ão pela acessibilidade universal dos diferentes públicos, na forma da legislação vigente”. Já o artigo 46 diz que:

O Plano Museológico do museu definirá sua missão básica e sua função específica na sociedade e poderá contemplar os seguintes itens, dentre outros:

- I – o diagnóstico participativo da instituição, podendo ser realizado com o concurso de colaboradores externos;
  - II – a identificação dos espaços, bem como dos conjuntos patrimoniais sob a guarda dos museus;
  - III – a identificação dos públicos a quem se destina o trabalho dos museus;
  - IV – detalhamento dos Programas;
- k) **de acessibilidade a todas as pessoas.**

(LEI Nº 11.904 de 14 de Janeiro de 2009, art. 46, p. 5)

Sendo assim, o acesso deve ser de forma universal, não ocorrendo distinção entre pessoas com e sem deficiência, além disso, o artigo 46 contempla mais uma característica dos museus, antes mesmo de se ter acessibilidade na “parte visível” destes, deve-se pensar nesse conceito, na “parte invisível”, como o exemplo do plano museológico, que é um documento interno da instituição, não está disponível para o público visitante, mas que visa à acessibilidade para todas as pessoas.

O conceito de acessibilidade, assim como sua efetivação, deve ser concebido não somente nas exposições dos museus, que é a parte que o público tem maior acesso, mas sim nos documentos internos da instituição, somente quando os profissionais de museus tiverem o conhecimento da importância da acessibilidade em museus, que então poderão efetivamente executar isto na “parte visível” da instituição museológica.

Segundo Sarraf (2008), o conceito de acessibilidade em museus é amplo e deve estar contemplado em todas as áreas da instituição, isto significa que:

(...) as exposições, espaços de convivência, serviços de informação, programas de formação e todos os demais serviços básicos e especiais, oferecidos pelos equipamentos culturais devem estar ao alcance de todos os indivíduos, perceptíveis a todas as formas de comunicação e com sua utilização de forma clara, permitindo a autonomia dos usuários. Os museus para serem acessíveis, portanto, precisam que seus serviços estejam adequados para serem alcançados, acionados, utilizados e vivenciados por qualquer pessoa, independente de sua condição física ou comunicacional. (SARRAF, 2008, p.38)

Porém, apesar da lei tratar da acessibilidade em diversos artigos, o cenário atual dos museus, ainda está longe de cumprir com totalidade a lei, por diversos motivos, desde a falta de recursos nas instituições, desconhecimento da área, até desinteresse na inclusão deste público. Como se pode perceber na afirmação de Sarraf (2008):

No aspecto de acesso à informação, apesar de existirem referências teóricas favoráveis ao uso dos sentidos nas estratégias de mediação, ainda são raros os casos de projetos e programas que coloquem esse aspecto em prática e que, consequentemente, tornem a linguagem dos museus mais acessível a indivíduos com diferentes níveis intelectuais e cognitivos. (SARRAF, 2008, p.24)

O desconhecimento da área, acredita-se que seja um dos principais motivos para as instituições não contemplarem o público de pessoas com deficiência em suas instituições, por talvez pensarem que para se ter uma exposição acessível, os recursos financeiros terão um custo elevado, e devem demandar muitas pessoas.

Sobre o desconhecimento da área, antes de exigir que as pessoas promovam a acessibilidade, deve-se primeiro trazer o conceito de deficiência, assim como as mudanças que ocorreram na sua terminologia ao longo dos anos.

Em primeiro lugar, segundo o decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009, em seu art. 1º diz que:

Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimento de natureza física, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade com as demais pessoas.

Sobre os diferentes tipos e níveis de deficiência, o decreto nº 5.296, de dois de dezembro de 2004, em seu artigo 1º, descreve detalhadamente, sendo elas: deficiência física; deficiência auditiva; deficiência visual, deficiência mental, e deficiência múltipla associada de duas ou mais deficiências. Já segundo Sarraf (2008), as deficiências estão divididas em:

(...) alguma limitação física (alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano), sensorial (visual e auditiva) ou intelectual (síndromes, má formação entre outros) essas definições podem variar quanto ao grau de intensidade podendo ser leve, médio, grave até a perda total da incapacidade. (SARRAF, 2008, p.32)

A partir do conhecimento da definição de deficiência e dos tipos de deficiência é que se pode pensar em mecanismos para a inclusão cultural de pessoas com deficiência dentro dos museus. Mas antes disso, deve-se também saber a terminologia correta a ser utilizada, para evitar constrangimentos no público.

A terminologia alterou-se com o passar dos anos, o que se pode observar inclusive através das leis, decretos e normas, na área de acessibilidade. Na lei nº 7.405, de 12 de novembro de 1985, o termo portador de necessidade especial, aparece para designar as pessoas com deficiência.

Já na lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999, lei nº 10.048, de oito de novembro de 2000, lei nº 10.098, de 10 de dezembro de 2000, decreto nº 3.956, de oito de outubro de 2001, decreto nº 5.296, de dois de dezembro de 2004, o termo utilizado se altera, e as pessoas com deficiência passam a ser denominadas: pessoa portadora de deficiência.

Somente no ano de 2015, com a lei nº 13.146, de seis de julho, que institui o estatuto da pessoa com deficiência e a Lei Brasileira de Inclusão - LBI, que a terminologia se alterou, então passando de pessoa portadora de deficiência, para pessoa com deficiência. Segundo Silva (2015):

Na legislação anterior à Convenção, os termos utilizados eram “portador de necessidades especiais”, “portadores de deficiência”, “deficientes”, tudo isso caiu em desuso, tornando-se obsoleto em virtude de estigmatizar as pessoas com deficiência, reforçar a deficiência, em detrimento da pessoa. A LBI reforça então, a terminologia correta, já utilizada na Convenção da ONU: simplesmente “pessoa com deficiência”. (SILVA, 2015, p.92)

Portanto, a alteração da terminologia, apesar de demorar muitos anos, foi correta e denomina de forma mais coerente e respeitosa as pessoas com deficiência.

Quando se conhece os conceitos de deficiência, a terminologia correta, e as leis de acessibilidade no Brasil, assim como a lei do estatuto dos museus, que prevê acessibilidade em três artigos, pode-se então compreender que o assunto está cada vez mais ganhando notoriedade, e sendo os museus espaços de inclusão social e cultural, a acessibilidade também deve estar representada nessas instituições.

Além disso, apesar de existirem muitos museus no Brasil, pode-se afirmar que a acessibilidade está em poucas instituições, o que dificulta e impossibilita em grande parte que os públicos de pessoas com deficiência visitem estes espaços, pois ao passo que não possuem acessibilidade, criam-se barreiras em seus diversos níveis.

A principal forma de representação é através de recursos expositivos, como texto com contraste de letras, para pessoas com baixa visão; textos em braile, para pessoas com deficiência visual; libras, para pessoas com deficiência auditiva, surdo ou mudo; audiodescrição, principalmente para pessoas com deficiência visual, mas também pode ser utilizada por idosos, disléxicos, crianças e pessoas com deficiência intelectual; maquetes e esquemas táteis, também para pessoas com deficiência visual, mediação acessível, entre diversos outros recursos.

Esses recursos geralmente não possuem um custo muito elevado, e demandam principalmente o recurso humano, para que possam ser executados de melhor forma, bem como para que as pessoas com deficiência consigam compreender seu conteúdo.

No capítulo 2 e subcapítulo 2.1, buscou-se investigar mais detalhadamente tais recursos, suas aplicações, importância, e com maior ênfase a audiodescrição.

### 3 – RECURSOS DE ACESSIBILIDADE EM MUSEUS BRASILEIROS

Dentro de um espaço museológico, podem-se ter diversos tipos de recursos de acessibilidade, estes visam principalmente facilitar a comunicação dentro de uma instituição. Como se pode observar, segundo o decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009, em seu artigo 2º:

#### Artigo 2º

##### Definições

Para os propósitos da presente Convenção:

“Comunicação” abrange as línguas, a visualização de textos, o braille, a comunicação tátil, os caracteres ampliados, os dispositivos de multimídia acessível, assim como a linguagem simples, escrita e oral, os sistemas auditivos e os meios de voz digitalizada e os modos, meios e formatos aumentativos e alternativos de comunicação, inclusive a tecnologia da informação e comunicação acessíveis; (DECRETO Nº6.949, DE 25 DE AGOSTO DE 2009, p.3)

Também é possível ter o desenho universal, um recurso que propõe a criação de produtos e ambientes para a população, que possam ser utilizados por todas as pessoas, independente de terem ou não algum tipo de deficiência.

Esse conceito é principalmente aplicado na arquitetura de espaços que estão sendo criados, para auxiliar em maior escala as pessoas com deficiência física, portanto, tais princípios, podem ser considerados como recurso de acessibilidade em Museus.

Além disso, outro recurso, utilizado também por pessoas com deficiência física, é o elevador para cadeira de rodas, onde a pessoa com deficiência e seu acompanhante podem ter acesso, ou uma rampa, que pode ser fixa ou móvel na entrada de uma instituição museológica. Ocorrem também os casos de adaptação de prédios, ao instalar recursos de acessibilidade, preservando a estrutura do bem patrimonial.

Em relação a recursos de acessibilidade para pessoas com deficiência auditiva, surdez ou pessoa muda, é utilizada a Língua Brasileira de Sinal – LIBRAS, onde um interprete estará disponível para este público na instituição, ou o Museu utilizará um dispositivo digital com programa que possa auxiliar esta pessoa.

Já para pessoas com deficiência intelectual, podem ser utilizados alguns jogos que estimulem o raciocínio deste público, ou uma linguagem facilitada de

toda exposição por meio de legendas com palavras simples ou desenhos, que são mais bem compreendidos por crianças, por possuir uma linguagem mais lúdica.

E, por fim, tem-se os recursos de acessibilidade para pessoas com deficiência visual, estes são diversificados, entre eles, o mais conhecido é a legenda em Braille, esta técnica consiste em se ter uma folha com o Braille escrito, e com a ponta dos dedos a pessoa com deficiência visual tem acesso ao conteúdo da folha.

As maquetes e esquemas táteis, que podem ser de materiais diversos desde plástico, até madeira, onde se tem as principais formas de um determinado espaço, para que a pessoa com deficiência consiga compreender o que está ao seu redor, e o conteúdo de uma exposição, e que são complementadas pela mediação acessível feita, utilizando essas maquetes e esquemas.

Também se tem a audiodescrição, recurso que é utilizado principalmente por pessoas com deficiência visual, mas segundo Motta e Filho (2010), a AD também pode ser utilizada por pessoas com deficiência intelectual, disléxicos e idosos. Porém, seu principal público utilizador, como dito anteriormente, são as pessoas com deficiência visual.

A AD é compreendida como uma tecnologia assistiva, ou seja, recurso de acessibilidade que permite o acesso a informações e inclusão cultural de pessoas com deficiência visual, além disso, segundo Lima (2011):

(...) consiste em uma atividade que proporciona uma nova experiência com as imagens, em lugar da experiência visual perdida (no caso de pessoas cegas adventícias), e consiste em tecnologia assistiva, porque permite acesso aos eventos imagéticos, em que a experiência visual jamais foi experimentada (no caso das pessoas cegas congênitas totais). Em ambos os casos, porém, é recurso inclusivo, à medida que permite participação social das pessoas com deficiência, com igualdade de oportunidade e condições com seus pares videntes (LIMA, 2011, p. 09).

É relevante observar que estes recursos, em sua maioria, possuem um baixo custo, pois, levando em consideração a situação dos Museus Brasileiros, estas instituições se preocupam principalmente com os custos na hora de implantar recursos de acessibilidade.

Os recursos acima citados, exceto o desenho universal, o qual necessita de maior apoio financeiro, demandam basicamente o fator humano, que está disponível em todas as instituições museológicas. As legendas em Braille, LIBRAS, maquetes e esquemas táteis e a audiodescrição, todas são realizadas por pessoas, e com custos mínimos.

Quando estas instituições entenderem que os recursos acessíveis não representam um custo elevado, e que podem ser realizados com materiais que a própria instituição já possui, e quando estes museus tiverem funcionários que entendam desde o princípio o quanto importante é a acessibilidade na instituição, em seus diversos níveis, é que se passará da implantação de recursos superficiais de acessibilidade para os que contemplam todos os tipos de deficiência.

Através do conhecimento acerca da legislação na área de acessibilidade, pode ocorrer a efetiva inclusão cultural de pessoas com deficiência, dentro de instituições culturais e Museus.

Contudo, o que se percebe é que diariamente as pessoas com deficiência sofrem discriminação por não estarem contempladas dentro dessas instituições, e por terem que enfrentar barreiras, por não possuírem a sua disposição recursos acessíveis.

Portanto, entende-se a importância de todos os recursos de acessibilidade dentro de Museus Brasileiros, assim visando então aprofundar o recurso de audiodescrição, por compreender que o público de pessoas com deficiência visual ainda não está totalmente contemplado dentro da maioria das instituições museológicas no país. Aprofundar-se-ão mais seus conceitos no próximo subcapítulo intitulado audiodescrição.

### 3.1 – Audiodescrição (AD)

O recurso de audiodescrição (AD) tem por objetivo ampliar e facilitar a compreensão de informações por pessoas com deficiência visual, esse recurso descreve os principais elementos de uma imagem. Apresentar-se-ão duas definições para audiodescrição, a primeira delas, segundo Motta (2016) a AD é um:

(...) recurso de acessibilidade comunicacional, também considerada uma modalidade de tradução intersemiótica que transforma o visual em verbal, ampliando significativamente o entendimento, promovendo a inclusão, autonomia e a participação em igualdade de condições. (MOTTA, 2016, p. 6)

Já para Franco e Silva (2010), a audiodescrição é “(...) transformação de imagens em palavras para que informações-chave transmitidas visualmente não passem despercebidas e possam também ser acessadas por pessoas cegas ou com baixa visão” (FRANCO; SILVA, 2010, p. 23).

Ainda sobre o recurso, segundo Santana (2010), este chegou ao Brasil em 1999, e foi utilizado pela primeira vez “quando Bell Machado realizou atividades de narração audiodescritiva de filmes em uma associação de cegos de Campinas” (MIANES, 2016, p. 12). No ano de 2000, em relação à legislação na área de acessibilidade, o recurso foi citado na lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, nos artigos 2º (inciso II, alínea D), e 17:

Art. 2º Para os fins desta Lei são estabelecidas as seguintes definições:

II – barreiras: qualquer entrave ou obstáculo que limite ou impeça o acesso, a liberdade de movimento e a circulação com segurança das pessoas, classificadas em:

d) barreiras nas comunicações: qualquer entrave ou obstáculo que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens por intermédio dos meios ou sistemas de comunicação, sejam ou não de massa;

(LEI Nº 10.098, DE 19 DE DEZEMBRO DE 2000, p. 1-2)

Art. 17. O Poder Público promoverá a eliminação de barreiras na comunicação e estabelecerá mecanismos e alternativas técnicas que tornem acessíveis os sistemas de comunicação e sinalização às pessoas portadoras de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação, para garantir-lhes o direito de acesso à informação, à comunicação, ao trabalho, à educação, ao transporte, à cultura, ao esporte e ao lazer.

(LEI Nº 10.098, DE 19 DE DEZEMBRO DE 2000, p. 4)

Segundo Franco e Silva (2010), apesar do recurso começar a ser utilizado efetivamente nos anos 2000, no exterior este tem suas origens em meados dos anos 70, quando foi apresentado em Gregory Frazier em sua dissertação de mestrado. O recurso foi pioneiro em lugares como Estados Unidos, Inglaterra, França, Espanha, Canadá, Alemanha, Bélgica, Austrália e Argentina.

Além disso, outro importante uso, segundo Thaisa Cristina Antonelli Maia (2014), na década de 80 foi:

(...) os trabalhos do casal Cody e Margaret Pfanstiehl, que foram as primeiras pessoas a fazer a audiodescrição profissional de uma peça de teatro: *Major Barbara*, exibida em 1981, no teatro *Arena Stage* em *Washington DC*. O casal Pfanstiehl também é responsabilizado por introduzir a AD aos programas de televisão e por serem os primeiros a gravarem fitas cassetes de áudio que eram usadas em visitas a museus, parques e monumentos dos Estados Unidos da América (EUA). A primeira AD para televisão foi transmitida, simultaneamente com o programa, através do rádio. (MAIA, 2014, p.14)

Ainda de acordo com Mianes (2016), a audiodescrição, teve maior reconhecimento no Brasil, somente em 2003, especificamente quando foi utilizado no festival internacional de filmes sobre deficiência, denominado “Assim Vivemos”.

Porém, em relação à legislação, a AD, também foi citada no decreto nº 5.296, de dois de dezembro de 2004, no artigo 52 e 53, parágrafo 2º, onde diz que:

Art. 52. Caberá ao Poder Público incentivar a oferta de aparelhos de televisão equipados com recursos tecnológicos que permitam sua utilização de modo a garantir o direito de acesso à informação às pessoas portadoras de deficiência auditiva ou visual.

Art. 53. Os procedimentos a serem observados para implementação do plano de medidas técnicas previstas no art. 19 da Lei nº 10.098, de 2000, serão regulamentados, em norma complementar, pelo Ministério das Comunicações.

§ 2º A regulamentação de que trata o caput deverá prever a utilização, entre outros, dos seguintes sistemas de reprodução das mensagens veiculadas para as pessoas portadoras de deficiência auditiva e visual:

- I a subtitulação por meio de legenda oculta;
- II a janela com intérprete de LIBRAS; e
- III a descrição e narração em voz de cenas e imagens.

(DECRETO Nº 5.296, DE 2 DE DEZEMBRO DE 2004, p. 12)

No ano seguinte, o decreto acima citado, passou por nova redação no artigo 53, do qual a responsabilidade com o recurso de audiodescrição ficou por conta do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações.

Após a lei e decreto acima citados, segundo Rosa e Bonito (2016), “o primeiro filme audiodescrito no Brasil surgiu em 2005, com o título: *Irmãos de Fé*. Em 2008 surge a primeira propaganda audiodescrita no Brasil, realizada pela empresa Natura”. (ROSA; BONITO, 2016, p. 155)

Ainda sobre a trajetória da AD no Brasil, segundo Franco e Silva (2010), dizem que este foi utilizado no ano de 2007, o Festival de Cinema de Gramado e o Festival de Curta-metragem de São Paulo, exibiram filmes audiodescritos, ainda no mesmo ano, a peça Andaime, exibida em São Paulo, promoveu um espetáculo com AD.

No ano de 2008, além da propaganda acima citada, ocorreu o primeiro espetáculo de dança audiodescrito, denominado Os Três Audíveis, que aconteceu em Salvador, em 2009, o mesmo espetáculo ocorreu em Curitiba. No mesmo ano, no mês de maio, as pessoas com deficiência visual, tiveram acesso à primeira ópera audiodescrita, intitulada Sansão e Dallila, que fazia parte do XIII Festival Amazonas de Ópera.

Porém, mesmo tendo leis na área de acessibilidade que tratam do recurso de audiodescrição, somente com a lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, onde novamente o recurso de AD é citado, mais especificamente no artigo 67, que se pode observar que este começou a ter maior circulação em meios de comunicação e em ambientes culturais, como, por exemplo, os museus.

O que se percebe é que existem leis, decretos, portaria e conceitos acerca da audiodescrição, o que está faltando efetivamente, é que as leis sejam cumpridas e fiscalizadas, e que os conceitos passem da teoria para a prática, que sejam aplicados dentro das instituições museológicas, para promover o acesso à informação às pessoas com deficiência visual, dentro destes espaços.

Todavia, pode-se de certa forma afirmar que, a AD, apesar de “dar seus primeiros passos”, está sendo utilizada em algumas instituições museológicas, em seguida, apresentar-se-á dois exemplos de Museus, no estado do Rio Grande do Sul, que utilizam este recurso de acessibilidade.

Mostra-se como exemplo, o Museu Joaquim José Felizardo, instituição localizada na cidade de Porto Alegre no Rio Grande do Sul, o Memorial do Anglo e mais recentemente no Museu do Doce, situados na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul.

Também se pode mencionar o Museu Joaquim José Felizardo, o qual utiliza o recurso em uma espécie de maquete que mostra a cidade de Porto

Alegre, esta maquete pôde ser observada em visita técnica realizada com o curso de Museologia da UFPel, no ano de 2014, como atividade curricular da disciplina de Expografia, do curso acima citado.

O Museu do Doce está utilizando a AD na descrição do percurso do casarão, onde está localizado o Museu, e na descrição das fotografias e mobiliário que compõe a exposição de longa duração do museu, intitulada “Entre o Sal e o Açúcar, o doce através dos sentidos”, esta exposição foi organizada em conjunto com o projeto de extensão do Museu do Conhecimento para todos: inclusão cultural de pessoas com deficiência, e foi inaugurada no ano de 2016.

E o Memorial do Anglo, foi organizado através do projeto do Museu do Conhecimento para todos: inclusão cultural de pessoas com deficiência, o qual funciona desde o ano de 2014, estando situado no terceiro andar do campus Anglo, da Universidade Federal de Pelotas, que narra a história do antigo frigorífico Anglo que existia no local, utilizando diversos recursos de acessibilidade, entre eles a audiodescrição de fotografias.

Somente através da AD, que as pessoas com deficiência visual vão obter acesso a essas informações, contidas nas exposições, ou em espaços culturais, o recurso além de efetivar a autonomia, facilita a comunicação com as pessoas com deficiência, assim promovendo a inclusão cultural deste público, dentro de instituições museológicas ou afins.

Porém, o que se pode perceber, segundo Iracema Vilaronga (2010) é que as atividades que utilizam o recurso de audiodescrição no Brasil, ainda são iniciativas privadas em sua maioria, e ocorrem nas grandes capitais do país.

A importância da AD está não somente na tradução das imagens em palavras, mas sim em assegurar todos os direitos à pessoa com deficiência visual. Considerando que cerca de 18% da população no Brasil possuem essa deficiência, de acordo com o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE do ano de 2010, ou seja, quando não se utiliza esse recurso, esta parcela da população não tem seu direito de acesso à informação, que está previsto em lei.

Esse recurso efetiva a autonomia, a inclusão e, além disso, faz com que a pessoa com deficiência, tenha o direito à compreensão das informações ao seu redor sem que dependa de outra pessoa. Portanto, as pessoas com deficiência visual, podem se sentir mais independentes.

A AD é utilizada de diversas formas, como em maquetes e esquemas táteis, descrição de percurso, descrição de mobiliários e em acervos fotográficos como se abordará com mais ênfase a seguir.

## 4 – AUDIODESCRIÇÃO DE ACERVOS FOTOGRÁFICOS

O processo de audiodescrição é realizado de acordo com alguns princípios definidos de acordo com a tipologia do acervo a ser trabalhado, no atual caso é o acervo fotográfico. Segundo Salazar e Cruz (2014):

A fotografia, por ser um documento de informação essencialmente visual, possui características próprias a serem consideradas na sua descrição. De tal modo, traduzi-la em palavra requer o reconhecimento e a eleição de elementos que possam evidenciar o principal conteúdo da imagem. (SALAZAR; CRUZ, 2014, p. 146)

O que se pode observar é que apesar de não existir um modelo específico para se fazer uma AD no Brasil, existem algumas normativas e características principais que devem ser levadas em consideração.

Em relação ao acervo fotográfico, foi criada no ano de 2012, a nota técnica nº 21, que visa dar orientações para descrição de imagem na geração de material digital acessível, a qual traz em seu conteúdo algumas maneiras para realizar a audiodescrição de fotografias. Segundo a nota técnica, para descrição de fotografias, existem 30 elementos, entre eles os utilizados para realização das Audiodescrições da Coleção Coordenação de Comunicação Social -CCS, foram:

1. Identificar o sujeito, objeto ou cena a ser descrita - O que/quem;
2. Localizar o sujeito, objeto ou cena a ser descrita - Onde;
4. Empregar verbos para descrever a ação e advérbio para descrever as circunstâncias da ação - Faz o que/como;
7. Identificar os diversos enquadramentos da imagem - De onde - , tais como:
  - b. Plano geral - Mostra os personagens e o ambiente no qual estão inseridos.
  - d. Plano médio - Mostra o personagem da cintura para cima.
  - e. Primeiro plano - Mostra o personagem do peito para cima.
9. Verificar a correspondência entre a imagem e o texto, a fim de garantir a fidedignidade da descrição;
10. Usar termos adequados, à área de conhecimento, abordada na descrição;
12. Organizar os elementos descritivos em um todo significativo. Evitar deixar elementos soltos, inserindo-os em um mesmo período. Começar pelo personagem ou objeto mais significativo (o que/quem), qualificá-lo (como), localizá-lo (onde), qualificar o onde (como), explicitar o tempo (quando);
13. Mencionar cores e demais detalhes;

14. Mencionar (quando possível) o enquadramento de câmera em fotos, principalmente quando for importante para o entendimento (close, plano geral, primeiro plano etc);

(NOTA TÉCNICA Nº 21 / 2012 / MEC / SECADI /DPEE, 2012, p 2-3-4)

Além disso, antes de se elaborar propriamente a AD, deve-se avaliar qual tipo será utilizado, pois, existem quatro tipos, que segundo Barreto (2011) são: audiodescrição gravada, realizada com a elaboração de um roteiro; audiodescrição ao vivo ensaiada, utilizada principalmente em peças de teatro e eventos, no qual, durante a pausa da fala dos atores são descritas suas ações; audiodescrição simultânea, corre sem um roteiro pré-estabelecido e em simultâneo com a ação da imagem, e a audiodescrição em filmes estrangeiros não dublados, uma espécie de interpretação dos diálogos do filme, porém não sobrepõe as falas dos atores.

No atual caso, o tipo que se utilizou é a audiodescrição gravada, pois, foi elaborada mediante um roteiro pré-estabelecido, que contém a descrição da imagem. Estas descrições foram gravadas e apresentadas para o público em que foi aplicado o questionário sobre as audiodescrições, que contemplam quatorze fotografias do acervo da coleção Coordenação de Comunicação Social – CCS.

Este questionário foi aplicado em alunos da escola Louis Braile, e a análise de suas respostas serão explicadas mais detalhadamente no capítulo 3.3 deste trabalho.

Em se tratando de AD gravada, quando se elaborou o roteiro, com a descrição, além de se levar em consideração a norma técnica nº 21, também se deve utilizar mais alguns princípios básicos, que segundo Michelon (2013) são:

Deve-se fazer a descrição usando em torno de 250 palavras, iniciando o texto com a apresentação do contexto espacial e temporal do objeto ou cena. Segue-se informando a relação de tamanho do objeto ou do elemento principal da cena quanto ao contexto espacial. Selecionam-se os principais aspectos para serem informados e evita-se qualquer interpretação alusiva aos sentidos do que se descreve. (MICHELON, 2013, p.194)

Apesar da audiodescrição no Brasil começar a ser utilizada mais recente, ela já adquiriu características próprias do país, e também de acordo com o seu audiodescriptor ou da pessoa que gravou a AD, como, por exemplo, no Brasil,

optou-se por fazer uma AD mais objetiva, diferente dos exemplos de Portugal, onde a AD realizada, tem um caráter mais poético.

Algumas pessoas são contra, outras a favor, o importante é que nas duas formas de realizar audiodescrição, deve-se observar se os elementos foram descritos de forma clara, e se a pessoa com deficiência visual conseguiu compreender e assimilar o conteúdo descrito.

Sobre a gravação de audiodescrição, foi utilizada a voz humana, como forma de se aproximar do público utilizador do recurso, quesito que com a voz mecânica observou-se que não seria possível, além disso, no momento da gravação, é importante considerar alguns fatores principais, segundo Paletta; Watanabe & Penilha (2008):

O narrador precisa ter uma voz saudável (sem patologias), clara e bem articulada, trabalhando a dicção, ou seja, articulação, entonação, inflexão, ritmo, respeitando o timbre de voz de cada pessoa. Estar atento à velocidade da fala. Falar rápido demais dificulta a articulação e a compreensão das palavras; e falar lento demais pode tornar a fala monótona e desinteressante. O ideal é equilibrar a velocidade da fala. (PALLETA; WATANABE & PENILHA, 2008, p.6)

A AD é realizada e separada em etapas, para facilitar o processo, então para que cada etapa seja realizada com êxito, segundo Pereira; Tavares; Nogueira; Salazar; Zamboni & Michelon (2016):

(...) inicia-se descrevendo a época, este método permite a construção no imaginário da pessoa com deficiência visual, em seguida damos foco aos elementos significativos da fotografia. A partir dessas informações elaboramos o texto com palavras simples e curtas, evitando termos técnicos, facilitando a compreensão para construção da imagem. (PEREIRA; TAVARES; NOGUEIRA; SALASAR; ZAMBONI & MICHELON, 2016, p. 221)

Após a realização dessas etapas, a descrição passa por uma consultoria, realizada essencialmente por uma pessoa com deficiência visual, para que se saiba se os termos utilizados, assim como a organização dos elementos na fotografia estão comprehensíveis. Finalizada essa etapa, a descrição foi gravada e se torna uma audiodescrição.

No caso das quatorze fotografias da coleção Coordenação de Comunicação Social – CCS, a consultoria foi realizada pelo aluno do curso de Museologia, Leandro Pereira, que é uma pessoa com deficiência visual, o que pode contribuir para que as audiodescrições ficassem o mais claro possível.

No capítulo intitulado “Audiodescrições, realizadas na coleção Coordenação de Comunicação Social – CCS” pode-se observar o resultado final das descrições.

No capítulo a seguir, intitulado “Coleção Coordenação de Comunicação Social – CCS” busca-se elucidar a história do acervo do qual foi baseada esta monografia.

#### [\*\*4.1 - Coleção Coordenação de Comunicação Social – CCS\*\*](#)

A denominada coleção Coordenação de Comunicação Social – CCS, ingressou como acervo, no projeto de ensino da Fototeca Memória da UFPel, em 2014, no mês de outubro.

Estas fotografias retratam eventos importantes que fizeram parte da trajetória histórica da Universidade Federal de Pelotas, entre os anos de 1969 2013, e o conjunto foi denominado coleção Coordenação de Comunicação Social – CCS.

No primeiro momento, o conjunto foi doado para ser realizado um processo de sistematização completa, visando à conservação e documentação deste acervo. Esse processo foi realizado pelos bolsistas e estagiários da Fototeca, mais efetivamente, entre os anos de 2014 e 2015, mas até o presente ano, a coleção ainda está sendo organizada.

O grupo que trabalhou com a coleção entre 2014 e 2015 dividiu-se em duplas, como forma de abranger todo o acervo, já que este contém cerca de oito mil fotografias, com eventos da UFPel, entre os anos de 1969 a 2013.

Como metodologia de trabalho optou-se por dividir o acervo em subcoleções, denominadas de acordo com as gestões administrativas da universidade, ao longo dos anos 1969 a 2013.



Figura 1: Sub-coleções que está dividida a coleção Coordenação de Comunicação Social – CCS

Fonte: Colagem realizada por Carolina da Motta Tavares

O trabalho no acervo consiste em primeiro momento, do inventário da coleção, higienização, digitalização e acondicionamento. Porém, também foi realizada uma etapa de pesquisa, logo, ocorreu uma dissociação de informações, as fotografias contextualizavam alguma notícia da CCS, ao longo dos anos de 1969 – 2013, mas por serem guardadas em separado, se perdeu grande parte das notícias associadas às fotografias.

O conjunto tem um total de cerca de oito mil fotografias que compõem o acervo, e “(...) apenas 23,7% registram os primeiros 18 anos da UFPel, enquanto que os 86,3% restantes registram os 25 anos seguintes” (TAVARES; CARDOSO; COELHO; FONSECA & MICHELON, 2015, p. 3).

O que se observou é que os primeiros anos da universidade foram retratados com fotografia preto e branco, que era o processo da época. A partir de 1987 as fotografias são coloridas, mas a diferença em percentual ocorre, pois:

(...) a fotografia preto e branco era produzida em menor quantidade do que a foto cor, em função do custo e trabalho que o processo demandava e perderam-se mais fotos das primeiras décadas por diferentes fatores. Também se observar decréscimo na quantidade de fotos na última gestão, fato que se explica pelo advento da fotografia digital que, uma vez presente como recurso de registro, passou a gerar em acelerada ordem decrescente, cópias em papel. (TAVARES, et al., 2015, p. 3-4)

Portanto, ao trabalhar com a Coleção CCS, ao longo de dois anos, percebendo a importância do conjunto para retratar a trajetória da UFPel, e conhecendo posteriormente o recurso de audiodescrição, percebe-se que esta coleção deveria estar acessível para todos os tipos de público, em especial às pessoas com deficiência visual, que através da audiodescrição poderiam compreender e conhecer o acervo.

Então, optou-se por realizar a audiodescrição de parte do acervo da coleção CCS, para que efetivamente as pessoas com deficiência tenham autonomia e inclusão, que lhes é de direito, e para que este público possa conhecer um pouco mais a história da universidade, que um dia pôde fazer parte da vida dos mesmos.

No próximo capítulo ver-se-á mais efetivamente como foi feito o processo de audiodescrição em parte do acervo da coleção Coordenação de Comunicação Social – CCS.

#### [\*\*4.2 - Audiodescrições realizadas na coleção Coordenação de Comunicação Social – CCS\*\*](#)

Inicialmente, foi efetuado o estudo de como realizar a audiodescrição do acervo em questão, tendo em vista que o mesmo tem um grande número de exemplares. Como no processo de sistematização, o conjunto foi separado em subcoleções, optou-se por realizar a escolha das fotografias que seriam audiodescritas dentro destas subcoleções.

A escolha das fotografias para se realizar as audiodescrições, ocorreu seguindo a própria divisão da coleção CCS, que está dividida em subcoleções de acordo com as gestões administrativas da universidade, entre os anos de 1969 até 2013, foram escolhidas duas fotografias de cada subcoleção.

Dentre estas subcoleções, duas gestões administrativas se repetem, e por esse motivo, escolheu-se uma fotografia da primeira gestão do ex - reitor César Borges, e uma fotografia da última gestão, ocorrida no ano de 2013. Essa escolha possibilitou a audiodescrição de quatorze fotografias deste acervo.

Após a escolha destas fotografias, começou efetivamente a realização, primeiramente das descrições, realizadas de acordo com alguns princípios aprendidos através das bibliografias acerca do tema.

Descreveram-se os principais elementos das fotografias, como por exemplo, se é preto e branca, ou colorida, se o ambiente da fotografia é interno ou externo, como é o ambiente, quantas pessoas compõem a foto, se são homens, mulheres, crianças, suas roupas, e o que acontece na cena retratada.

Depois de realizada tal descrição, foi feita uma consultoria nas mesmas, pelo acadêmico do segundo semestre do curso de Museologia, Leandro Pereira, pessoa com deficiência visual, para realizar-se uma readequação dos termos utilizados, tendo em vista que essas fotografias apresentam maior grau de compressibilidade.

Foram apresentas as audiodescrições das quatorze fotografias, e logo após aplicou-se questionários para obter informações, como por exemplo, se as audiodescrições estão comprehensíveis, qual a audiodescrição que mais lhe chamou atenção, entre outros questionamentos.

Abaixo as descrições realizadas a partir das quatorze fotografias da coleção Coordenação de Comunicação Social – CCS, e que deram origem as audiodescrições apresentadas aos alunos da escola Louis Braille.



Figura 2: Fotografia da XX Reunião do Conselho de Reitores, gestão de Delfim Mendes (1969-1976)

Fonte: Fototeca Memória da UFPel

Descrição da figura 2: Fotografia em preto e branco. No interior de uma sala. Aparecem dois homens, ambos de perfil, um olhando para o outro, vestindo blazer, camisa, gravata, calça, eles estão sentados em poltronas. No centro da fotografia, uma bandeira do Brasil no mastro, e a direita sobre uma mesa diversos livros empilhados.



Figura 3: Fotografia da posse do primeiro reitor da Universidade Federal de Pelotas Delfim Mendes (1969-1976)

Fonte: Fototeca Memória da UFPel

Descrição da figura 3: Fotografia em preto e branco. No interior de uma sala, estão onze homens vestindo blazer, camisa, gravata e calça, e quatro mulheres com vestidos de manga longa. Todas as pessoas estão em pé atrás de uma mesa de madeira. Sobre a mesa, temos no centro um pedestal com microfone, e a direita alguns papéis.



Figura 4: Fotografia da inauguração do Pórtico do Campus Capão do Leão da Universidade Federal de Pelotas, na gestão de Ibsen Stephan (1977-1981)  
Fonte: Fototeca Memória da UFPel

Descrição da figura 4: Fotografia em preto e branco. Em um ambiente externo, três homens aparecem em primeiro plano, o primeiro segura a bandeira do Brasil, o segundo puxa a corda para asteá-la e o terceiro olha para frente, são observados por três homens que estão em segundo plano, lado a lado, todos em pé, vestindo blazer, camisa, gravata e calça.



Figura 5: Fotografias do discurso na inauguração do Pórtico do Campus Capão do Leão, da Universidade Federal de Pelotas, na gestão de Ibsen Stephan (1977-1981)

Fonte: Fototeca Memória da UFPel

Descrição da figura 5: Fotografia em preto e branco de um discurso. Em um ambiente externo, a esquerda um homem fala ao microfone preso em um pedestal, ele tem em suas mãos um papel, é observado por seis homens, que estão agrupados em pé à direita da imagem, todos vestindo blazer, camisa, gravata e calça.



Figura 6: Fotografia da assinatura de convênio da Universidade Federal de Pelotas, pelo reitor  
José Emílio Araújo(1982-1984)  
Fonte: Fototeca Memória da UFPel

Descrição da figura 6: Fotografia em preto e branco. Dentro de uma sala, a esquerda, três homens, dois estão com os braços cruzados, e o terceiro está com as mãos sobre uma mesa de madeira. A direita, três homens estão atrás de uma mesa, o primeiro com os braços cruzados, o segundo com os braços para trás do corpo, e o terceiro com os braços estendidos, segurando um papel nas mãos. Sobre a mesa, um cinzeiro, uma caneta e um papel. Ao fundo, uma porta fechada, e um quadro fixado na parede. Todos homens vestem camisa e calça jeans.



Figura 7: Fotografia da missa na Catedral São Francisco de Paula, reitor José Emilio com Dom Antônio Zattera (1982-1984)

Fonte: Fototeca Memória da UFPel

Descrição da figura 7: Fotografia em preto e branco. Em primeiro plano de um ambiente interno, aparecem dois homens, da cintura para cima, ambos de perfil, com as mãos sobre o braço um do outro. Vestem blazer, camisa, e usam óculos. Em segundo plano, aparecem dois homens, de perfil, vestindo camisa e blazer.



Figura 8: Fotografia da posse do reitor da Universidade Federal de Pelotas Ruy Antunes (1984-1988)

Fonte: Fototeca Memória da UFPel

Descrição da figura 8: Fotografia em preto e branco, do interior de uma sala. Em pé, atrás de uma mesa de madeira, à esquerda estão dois homens, o primeiro segurando e o segundo falando ao microfone, ambos vestindo camisa, gravata, calça e blazer. A direita, uma mulher apoia as mãos sobre a mesa, está de vestido com mangas curtas. Ao fundo, duas bandeiras no mastro, a primeira do estado do Rio Grande do Sul, a segunda da Universidade Federal de Pelotas.



Figura 9: Fotografia da reunião no Gabinete da Reitoria, na gestão de Ruy Antunes (1984-1988)

Fonte: Fototeca Memória da UFPel

Descrição da figura 9: Fotografia em preto e branco, do interior de uma sala. Atrás de uma mesa de madeira, a esquerda, dois homens, o primeiro com os braços cruzados, e o segundo com os braços para trás do corpo. A direita, dois homens, o primeiro com os braços estendidos, e o segundo com os braços para baixo, ambos de perfil. Todos vestem camisa de manga curta e calça. Ao fundo, a esquerda uma porta aberta, e a direita duas bandeiras no mastro.



Figura 10: Fotografia da reunião do reitor Amilcar Gigante, com César Borges e Renato Varoto(1989-1993)

Fonte: Fototeca Memória da UFPel

Descrição da figura 10: Fotografia em preto e branco, do interior de uma sala. Sentados atrás de uma mesa, lado a lado, três homens, o primeiro a esquerda está de perfil, e apoia o queixo sobre as mãos. No centro, o segundo está com as mãos sobre a mesa. E a direita, o terceiro está com os braços cruzados. Sobre a mesa, a esquerda uma prancheta com papéis presos, no centro uma folha de jornal e um cinzeiro, e a direita uma carteira de cigarro e diversos papéis. Ao fundo, na parte superior, duas lâmpadas.



Figura 11: Fotografia da assinatura do Convênio do Meio-Ambiente com a Universidade Federal de Pelotas, na gestão de Amilcar Gigante (1989-1993)  
Fonte: Fototeca Memória da UFPel

Descrição da figura 11: Fotografia colorida, do interior de uma sala. Atrás de uma mesa, estão três homens e uma mulher, todos sentados. Em primeiro plano, três homens, o primeiro de perfil com os braços estendidos sobre a mesa, lê duas folhas, vestindo camisa de mangas longas cor marrom, o segundo, vestindo camisa azul e gravata preta, e o terceiro, vestindo camisa manga curta, ambos olhando para frente. Em segundo plano, a mulher está sentada na lateral da mesa, olhando para frente, com um vestido vermelho. Ao fundo, parte de uma estante de madeira com diversos objetos.



Figura 12: Fotografia do anúncio da campanha para o Hospital da Universidade Federal de Pelotas, na gestão de César Borges (1993-1997)  
Fonte: Fototeca Memória da UFPel

Descrição da figura 12: Fotografia colorida. Em primeiro plano, de um ambiente externo, dois homens estão em pé, o primeiro de perfil com os braços cruzados, vestindo camisa de manga curta azul, calça bege e cinto preto, e o segundo vestindo camisa branca, gravata, blazer e calça cinza, segura em suas mãos um adesivo escrito “Hospital” em letras vermelhas e “da UFPEL” em letras pretas. Ao fundo, árvores, e três homens, o primeiro falando ao telefone, veste camisa branca, o segundo está com os braços para trás do corpo, veste camisa branca, gravata e calça marrom, e o terceiro está com os braços cruzados, veste camisa branca e calça cinza.



Figura 13: Fotografia da visita as Futuras Instalações da Universidade Federal de Pelotas, no antigo Frigorífico Anglo, na gestão de César Borges(2005-2013)

Fonte: Fototeca Memória da UFPel

Descrição da figura 13: Fotografia colorida. Em primeiro plano, a esquerda, dois homens de perfil, o primeiro vestindo camisa azul, gravata cinza, o segundo vestindo camisa branca, gravata amarela, ambos vestem blazer e calça preta. Ao centro, três homens, lado a lado, o primeiro vestindo camisa, gravata preto e branco, jaqueta de couro e calça, segura uma caneta, o segundo está segurando um papel nas mãos, e o terceiro está olhando para o papel, ambos vestindo camisa azul, gravatas cinza, blazer e calça azul. A direita uma mulher de perfil, vestindo camisa preta, blazer e calça cinza. Em segundo plano, a esquerda um prédio de quatro andares, a direita, árvores e duas torres.



Figura 14: Fotografia da inauguração de placa comemorativa na faculdade de Ciências Domésticas, na gestão de Inguelore Scheunemann (1997-2004)  
Fonte: Fototeca Memória da UFPel

Descrição da figura 14: Fotografia colorida, no interior de um prédio. A esquerda, dois homens em pé, ambos de perfil, o primeiro vestindo camisa branca, gravata vermelha e blazer azul, o segundo, vestindo camisa branca, gravata amarela e preta e blazer preto, segura em suas mãos folhas de papel. A direita uma mulher, vestindo camisa branca, saia e blazer de veludo cor marrom, segurando folhas de papel, ao seu lado um homem, vestindo camisa branca, gravata preta com bolinhas brancas, blazer e calça preto. Ao fundo uma placa de metal fixada em uma parede de branca.



Figura 15: Fotografia do concerto de comemoração aos 80 anos do Conservatório de Música, na gestão de Inguelore Scheunemann (1997-2004)

Fonte: Fototeca Memória da UFPel

Descrição da figura 15: Fotografia colorida, do interior de uma sala. Em primeiro plano, dois homens sentados tocam violão, o primeiro veste camisa branca, blazer marrom e calça bege, o segundo, camisa branca, blazer e calça cinza. Entre eles um homem em pé, tocando flauta, vestindo camisa branca, gravata cinza, blazer e calça preta. Na frente de cada um dos homens partituras em pedestais. Ao fundo, a esquerda um vaso de flores, e a direita um piano.

Após a apresentação das descrições gravadas, ou seja, as audiodescrições, aos alunos da escola Louis Braille, foi aplicado o questionário contendo oito perguntas, e analisada as respostas obtidas, como será visto a seguir ver no subcapítulo 3.3, denominado: O questionário e a análise de seus dados.

#### 4.3 - O questionário e a análise de seus dados

Como procedimento de pesquisa, foi utilizado um questionário com cinco perguntas sobre dados gerais dos participantes, como: nome do aluno; idade; escolaridade; e o grau de deficiência se é adquirida, isto é, a deficiência ocorre depois de uma idade específica, ou deficiência congênita, ou seja, desde que a

pessoa nasceu, e oito perguntas específicas sobre o recurso de audiodescrição aplicado em quatorze fotografias da Coleção Coordenação de Comunicação Social – CCS, acervo da Fototeca Memória da UFPel.

O questionário foi aplicado nos dias 14 e 22 de junho de 2017, com onze alunos <sup>1</sup>da escola Louis Braille, da cidade de Pelotas, que é voltada para o atendimento a deficientes visuais (cegueira ou baixa visão). Segue abaixo o questionário aplicado.

Público Alvo	Local	Data
Alunos da Escola Louis Braille	Escola Louis Braille	Junho de 2017
<b>Nome do aluno:</b>		
<b>Idade:</b>		
<b>Escolaridade:</b>		
<b>Sua deficiência é: ( ) adquirida ou ( )Congênita</b>		
<b>Se for deficiência adquirida, desde que idade:</b>		

Questionário:

1) Gostou de escutar as audiodescrições das imagens ?	( ) Gostei ( ) Não gostei
2) Com a audiodescrição você conseguiu imaginar a fotografia?	( ) Sim ( ) Não
3) Qual a fotografia mais lhe chamou atenção?	
4) E esta fotografia que você mais gostou possui muitos elementos?	( ) Sim ( ) Não
5) Você gostou de mais de uma fotografia?	( ) Sim ( ) Não
6) Quais fotografias que mais gostou?	
7) Você gostaria de conhecer mais fotografias do acervo?	( ) Sim ( ) Não
8) Você gostaria de deixar sua opinião sobre as audiodescrições apresentadas?	

---

<sup>1</sup> Aplicou-se onze questionários, devido as turmas da escola Louis Braille serem compostas por pouco alunos, e a atividade foi realizada com os alunos autorizados pela escola Louis Braille, nos dias 14 e 22 de junho de 2017.

Todos os procedimentos de abordagem seguem os princípios éticos da pesquisa científica com seres humanos, e por isso no sentido de preservar a identidade dos participantes utilizaram-se apenas as iniciais do nome e sobrenome.

Para ilustrar os dados de melhor forma, utilizaram-se gráficos, e após cada um destes a explicação dos dados contidos no mesmo. Abaixo se apresentam os gráficos com os dados obtidos nos onze questionários aplicados, na escola Louis Braille.



Gráfico 1: Faixa Etária das pessoas com deficiência visual

Fonte: Dados do questionário aplicado nos dias 14 e 22 de junho de 2017, com alunos da escola Louis Braille

O gráfico 1 contém informações acerca da idade dos participantes, como se pode observar a faixa etária de 0 a 10 anos, tem apenas 9% do total do gráfico, o que significa que um participante está nesta faixa etária. Já na faixa dos 10 aos 20 anos, está a maioria dos participantes, com 37% do gráfico, o que significa quatro participantes.

Nas faixas etárias dos 20 aos 30 anos, 30 aos 40 anos e 40 aos 50 anos, tem-se um total de 18% em cada uma desta respectivamente, o que significa que cada um tem dois participantes com estas faixas de idade.

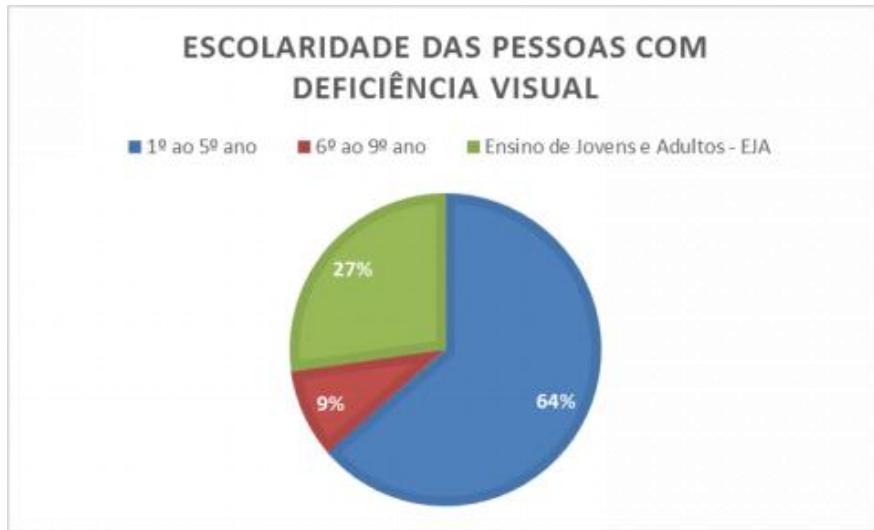


Gráfico 2: Escolaridade das pessoas com deficiência visual

Fonte: Dados do questionário aplicado nos dias 14 e 22 de junho de 2017, com alunos da escola Louis Braille

No gráfico 2, avaliou-se a escolaridade dos participantes, o que se pode observar é que a escolaridade do 1º ao 5º ano contempla a maioria do gráfico, totalizando 64%, o que significa que sete participantes estudaram ou estudam do 1º ao 5º ano.

A segunda maior porcentagem é a de pessoas que estão estudando no Ensino de Jovens e Adultos – EJA, que totaliza 27%, o que significa três participantes, e, por último, tem-se os dados do 6º ao 9º ano, que totalizam 9%, ou seja, um participante estudou até esse ano na escola.

Analizando o percentual acima, pode-se observar que é considerado baixo, em relação à idade dos participantes, isto se justifica, pois as pessoas com deficiência têm maior dificuldade com a educação comum, mesmo com a aprovação da Lei Brasileira de Inclusão no ano de 2015, segundo Silva (2015):

(...)Entretanto o déficit na Educação em geral é reproduzido também na área da pessoa com deficiência, que amarga principalmente o ônus da falta de capacitação de profissionais, defasados principalmente em informações sobre o universo desta população. (SILVA, 2015, p.61)

A educação para as pessoas com deficiência é um direito, e precisa ser oferecida para todos, sem excluir esse público, discriminação que também pode ser considerada para as pessoas com deficiência terem baixo nível de escolaridade, em comparação com as pessoas sem deficiência.

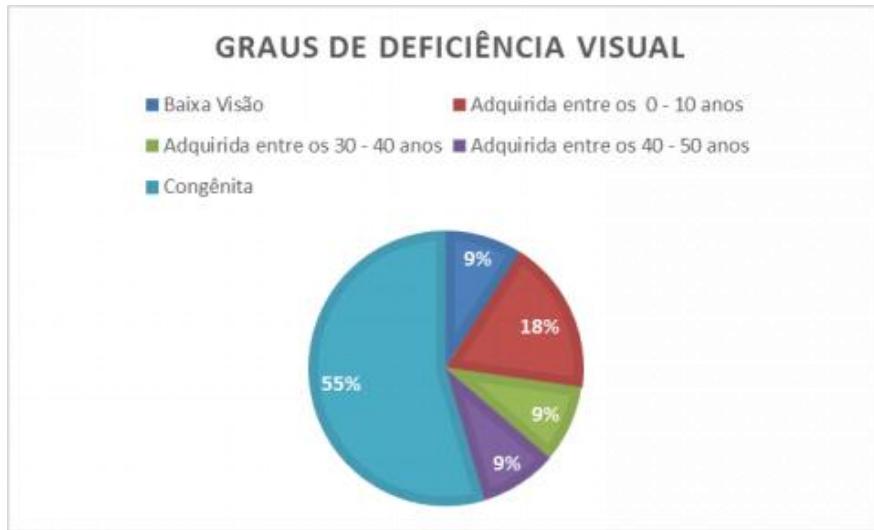


Gráfico 3: Graus de deficiência visual

Fonte: Dados do questionário aplicado nos dias 14 e 22 de junho de 2017, com alunos da escola Louis Braille

No gráfico 3, trabalhou-se com os dados de graus de deficiência visual, onde 55% dos participantes têm deficiência congênita, ou seja, seis participantes são pessoas com deficiência visual desde que nasceram, a segunda maior porcentagem é de pessoas com deficiência visual adquirida dos 0 aos 10 anos, o que significa, dois participantes.

Os participantes com baixa visão, deficiência visual adquirida entre os 30 aos 40 anos, e entre os 40 aos 50 anos, totalizam 9% respectivamente, o que significa que um participante em cada uma dessas faixas etárias possui deficiência em idades distintas, e em diferentes graus.

A seguir analisaram-se os dados das questões específicas sobre o recurso de audiodescrição aplicado às quatorze fotografias da coleção Coordenação de Comunicação Social – CCS



Gráfico 4: Questão 1) Gostou de escutar as audiodescrições das fotografias?

Fonte: Dados do questionário aplicado nos dias 14 e 22 de junho de 2017, com alunos da escola Louis Braille

No gráfico 4, analisou-se a primeira questão específica, e se obteve como resultado, que 100% dos participantes gostaram de escutar as quatorze audiodescrições, isso significa um total dos onze participantes.

Em conversa durante a aplicação do questionário, no dia 14 de junho de 2017, os participantes E.G e P.F, relataram que gostaria de conhecer mais fotografias da Fototeca Memória da UFPel, dos outros conjuntos fotografias que fazem parte do acervo do projeto.



Gráfico 5: Questão 2) Com a audiodescrição você conseguiu imaginar a fotografia?

Fonte: Dados do questionário aplicado nos dias 14 e 22 de junho de 2017, com alunos da escola Louis Braille

Então, no gráfico 5, sobre a segunda questão específica, obteve-se o resultado que 100% dos participantes relataram imaginar as fotografias, inclusive em relato na aplicação do questionário no dia 22 de junho de 2017, os participantes L.M e M.P, reproduziram com as mãos os gestos que estavam sendo descritos em algumas fotografias.

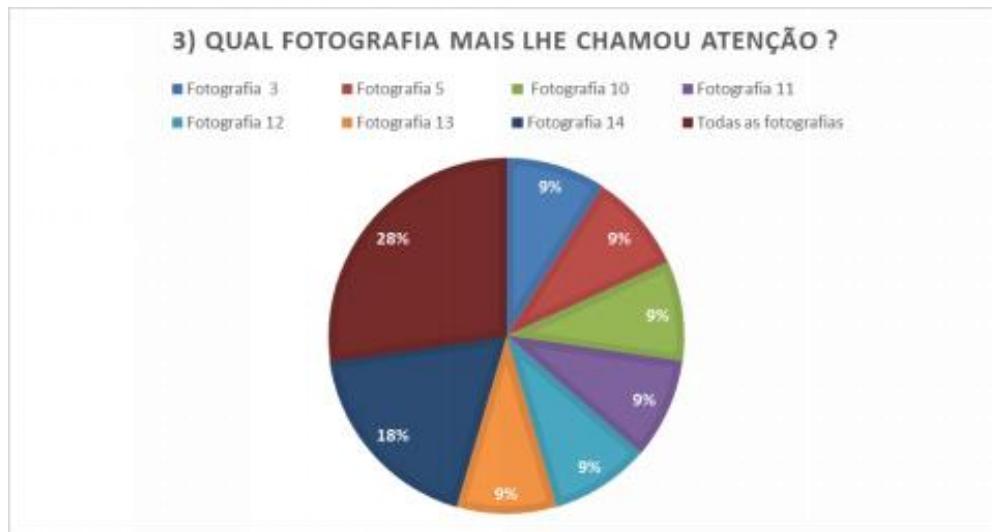


Gráfico 6: Questão 3) Qual fotografias mais lhe chamou atenção?

Fonte: Dados do questionário aplicado nos dias 14 e 22 de junho de 2017, com alunos da escola Louis Braille

Já no gráfico 6, sobre a terceira questão, os dados obtidos foram variados, as fotografias 3; 5; 10; 11; 12 e 13, tiveram 9% do total do gráfico respectivamente, o que significa que um participante gostou das fotografias citadas.

A fotografia 14 obteve 18% do total, o que significa que dois participantes gostaram dessa imagem, e 28% do total de participantes gostaram de todas as fotografias, o que significa que de um total de onze participantes, três gostaram de todas as imagens.



Gráfico 7: Questão 4) E esta fotografia que você mais gostou possui muitos elementos?

Fonte: Dados do questionário aplicado nos dias 14 e 22 de junho de 2017, com alunos da escola Louis Braille

No gráfico 7, referente à quarta questão específica sobre audiodescrição, obteve-se como resultado que 73% dos participantes consideraram que a fotografia que mais lhes chamou a atenção possuía muitos elementos, o que significa um total de oito participantes. Os três participantes restantes, que totaliza 27%, consideraram que a fotografia que mais lhes chamou a atenção não possui muitos elementos.



Gráfico 8: Questão 5) Você gostou de mais de uma fotografia?

Fonte: Dados do questionário aplicado nos dias 14 e 22 de junho de 2017, com alunos da escola Louis Braille

No gráfico 8, referente à questão cinco do questionário, obteve-se como resultado que 73% dos participantes gostaram de mais de uma fotografia, o que significa um total de oito participantes, enquanto outros 27%, ou seja, três participantes, gostaram de somente uma fotografia.

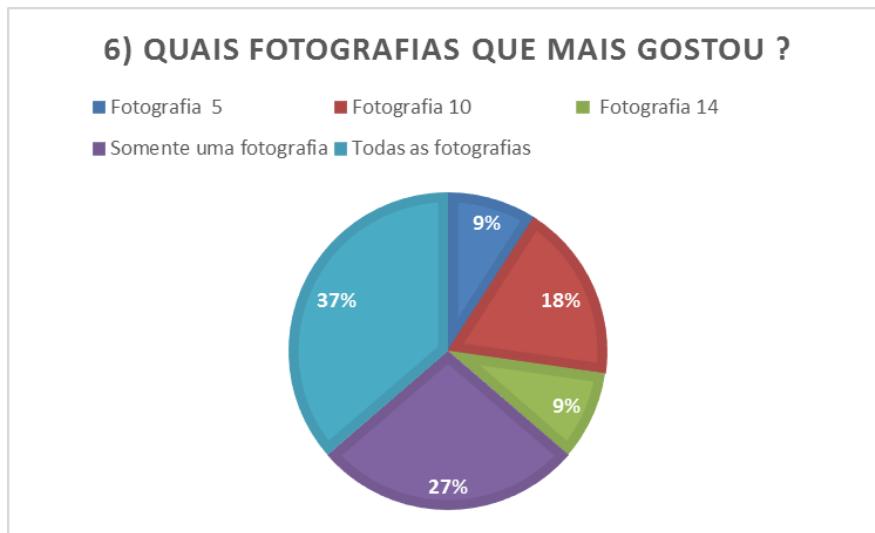


Gráfico 9: Questão 6) Quais fotografias que mais gostou?

Fonte: Dados do questionário aplicado nos dias 14 e 22 de junho de 2017, com alunos da escola Louis Braille

No gráfico 9, sobre a questão seis do questionário, observou-se que 9% dos participantes gostaram da fotografia 5 e da fotografia 14, o que significa um participante para cada fotografia respectivamente. Em relação à fotografia 10, dois participantes gostaram, totalizando 27% do gráfico.

As maiores porcentagens são 37%, que significa que quatro participantes gostaram de todas as fotografias, e 27%, o que significa que três participantes gostaram de somente uma fotografia.

Como forma de analisar os gráficos 6 e 8, criou-se uma legenda para as fotografias que serão citadas nos referidos gráficos, abaixo uma tabela com as legendas das fotografias 3; 5; 10; 11; 12; 13; 14.

Tabela 1: Legenda das fotografias mais citadas pelos participantes da pesquisa

<b>Legenda das fotografias mais citadas:</b>
Fotografia 3: Inauguração do Pórtico do Campus Capão do Leão da Universidade Federal de Pelotas, na gestão de Ibsen Stephan
Fotografia 5: Assinatura de convênio da Universidade Federal de Pelotas, pelo reitor José Emílio Araújo
Fotografia 10: Assinatura do Convênio do Meio-Ambiente com a Universidade Federal de Pelotas, na gestão de Amilcar Gigante
Fotografia 11: Anúncio da campanha para o Hospital da Universidade Federal de Pelotas, na gestão de César Borges
Fotografia 12: Visita as Futuras Instalações da Universidade Federal de Pelotas, no antigo Frigorífico Anglo, na gestão de César Borges
Fotografia 13: Inauguração de placa comemorativa na faculdade de Ciências Domésticas, na gestão de Inguelore Scheunemann
Fotografia 14: Conserto de comemoração aos 80 anos do Conservatório de Música, na gestão de Inguelore Scheunemann

Fonte: Tabela criada por Carolina da Motta Tavares, 2017



Gráfico 10: Questão 7) Você gostaria de conhecer mais fotografias do acervo?

Fonte: Dados do questionário aplicado nos dias 14 e 22 de junho de 2017, com alunos da escola Louis Braille

No gráfico 10, referente à questão sete do questionário, alcançou-se um total de 100% dos participantes que gostaria de conhecer mais fotografias do acervo da Coleção Coordenação de Comunicação Social – CCS, o que significa o total dos onze participantes da pesquisa.

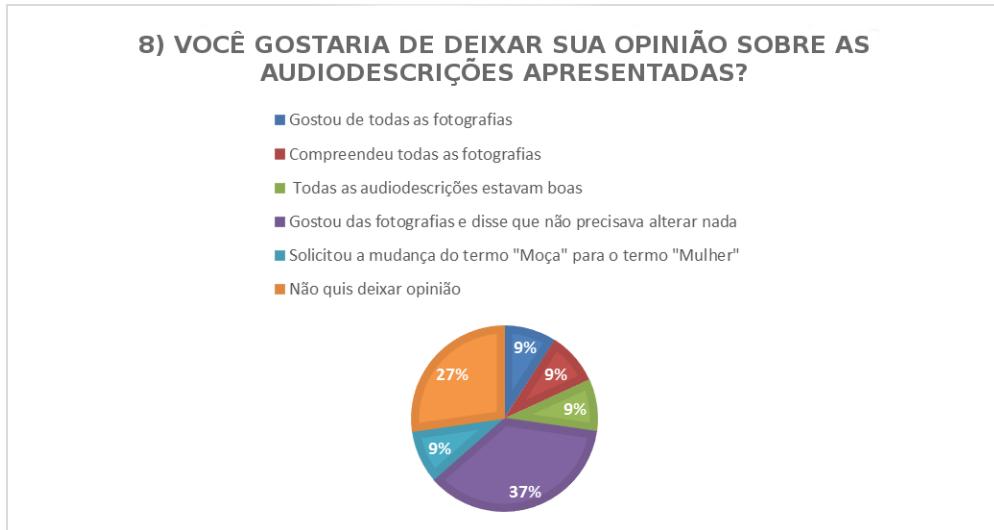


Gráfico 11: Questão 8) Você gostaria de deixar sua opinião sobre as audiodescrições apresentadas?

Fonte: Dados do questionário aplicado nos dias 14 e 22 de junho de 2017, com alunos da escola Louis Braille

No gráfico 11, sobre a última questão do questionário, obtive-se como resultado que 9% gostou de todas as fotografias, o que significa um participante. Os que compreenderam todas as fotografias acharam que todas as audiodescrições estavam boas, e solicitaram a mudança do termo “Moça” para o termo “Mulher”, ficaram com 9% do gráfico respectivamente, o que significa que um participante responde cada uma destas respostas.

As maiores porcentagens foram de 37%, de participantes que gostaram das fotografias e disseram que não precisava alterar nada, o que significa quatro participantes, e os últimos 27% não quiseram deixar sua opinião, o que significa três participantes de um total de onze.

Observou-se durante a aplicação do questionário e mostra das audiodescrições, que os participantes sentiram-se incluídos, relataram que conheciam o recurso de audiodescrição, mas que ainda não haviam escutado uma audiodescrição de fotografia, e um dos participantes, M.P, relatou que o recurso é imprescindível para a compreensão das informações para as pessoas com deficiência visual, e destacou a importância de se expandir os conhecimentos sobre esse recurso, como forma de efetivar a inclusão das pessoas com deficiência.

Através desse relato, observou-se o quanto o recurso de audiodescrição é importante, assim como dito por todos os teóricos utilizados anteriormente, e assim como está previsto em lei.

## 5 - Considerações Finais

A presente monografia teve como objetivo central explicar a importância do recurso de audiodescrição aplicado em quatorze fotografias que compõem o acervo fotográfico da coleção Coordenação de Comunicação Social – CCS, e também explicitar a importância da utilização desse recurso dentro de instituições museológicas.

Para isso, tratou-se do assunto de acessibilidade de um modo geral, acessibilidade em museus brasileiros, recursos de acessibilidade em museus brasileiros, audiodescrição, acervos fotográficos, audiodescrição da coleção Coordenação de Comunicação – CCS e, por fim, o questionário aplicado com onze alunos da escola Louis Braille, sobre a audiodescrição das fotografias da coleção CCS.

A importância da aplicação e análise dos dados obtidos através do questionário se concretizou, pois os participantes, que são pessoas com deficiência visual, relataram os benefícios da utilização do recurso de audiodescrição.

Nas quatorze fotografias audiodescritas utilizamos com princípios básicos, a identificação de quantas pessoas aparecem na fotografia, de que ângulo estão retratadas, o que estão fazendo, mencionar as cores, e se possível a época da fotografia, descrever o cenário, se é ambiente externo, descrever o tempo (dia, noite).

Portanto, conseguiu-se cumprir parcialmente os objetivos centrais desta monografia, parcialmente, pois, a divulgação e expansão dos conhecimentos acerca do recurso de audiodescrição, não devem ficar restringidos unicamente a este trabalho de conclusão de curso, e sim a todos os cidadãos, na forma de cumprimento da lei brasileira de inclusão, e das diversas leis na área da acessibilidade.

Além disso, perante a lei, todos têm o direito de acesso aos locais públicos, e em se tratando dos museus serem instituições deste caráter, é imprescindível a utilização do recurso de audiodescrição para pessoas com

deficiência visual, para que todos os públicos estejam inclusos nessas instituições.

O recurso de audiodescrição é utilizado principalmente para que as pessoas com deficiência possam ter acesso às informações contidas em diversas instituições culturais, principalmente nos museus, que trabalham com público, e o meio de repasse das informações para os mesmos, são informações em exposições.

Considera-se que, para se efetivar de fato a utilização do recurso de audiodescrição, deve-se, em primeiro lugar, divulgar de maneira mais efetiva possível, em forma de trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses, livros, artigos, das formas mais diversas.

Em segundo lugar, é necessário ter conhecimento da Lei Brasileira de Inclusão – LBI, aprovada no ano de 2015, que reúne artigos de diversas leis anteriores, para que se possa cobrar das instituições o cumprimento desta lei, e das outras existem na área da acessibilidade no Brasil.

Por fim, em terceiro lugar, cada um dos cidadãos precisa ter consciência e empatia, colocando-se no lugar do próximo. Todos podem ajudar ao fazer os passos anteriormente citados, e antes de qualquer coisa, pensar que todos têm direitos e são cidadãos, sendo pessoas com ou sem deficiência.

## 6 - Referências bibliográficas

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS NBR 9050: 2004.** Acessibilidade a edificação, espaço mobiliário e equipamentos urbanos / Associação Brasileira de Normas Técnicas. Rio de Janeiro: ABNT, 2004.

BARRETO, Aura Rojas. Museus e inclusão cultural, **Assessibilidade para deficientes visuais.** II Seminário Latino Americano e Caribeño de los Servicios Bibliotecarios para Ciegos y Debles Visuales. 2011.

BRASIL. **Lei Nº 7.405, de 12 de novembro de 1985.** Torna obrigatória a colocação do "Símbolo Internacional de Acesso" em todos os locais e serviços que permitam sua utilização por pessoas portadoras de deficiência e dá outras providências. D.O.U. 13. nov.1985. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1980-1988/L7405.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1980-1988/L7405.htm). Acesso em: 11 de abril de 2017.

BRASIL. **Lei Nº 7.853, de 24 de outubro de 1989.** Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência Corde, institui a tutela jurisdicional de interesses coletivos ou difusos dessas pessoas, disciplina a atuação do Ministério Público, define crimes, e dá outras providências. D.O.U. 25.out .1989 Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L7853.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7853.htm). Acesso em: 11 de abril de 2017.

BRASIL. **Decreto Nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999.** Regulamenta a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. D.O.U. 21.dez.1999. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d3298.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm). Acesso em: 11 de abril de 2017.

BRASIL. **Lei Nº 10.048, de 8 de novembro de 2000.** Dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e dá outras providências. D.O.U. 9.nov.2000. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L10048.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10048.htm). Acesso em: 11 de abril de 2017.

BRASIL. **Lei Nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.** Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. D.O.U., 20 dez. 2000. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L10098.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10098.htm). Acesso em: 11 de abril de 2017.

BRASIL. **Decreto Nº 3.956, de 8 de outubro de 2001.** Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência. D.O.U. 9.out .2001. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2001/d3956.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2001/d3956.htm). Acesso em: 11 de abril de 2017.

**BRASIL. Decreto N° 5.296, de 2 de dezembro de 2004.** Regulamenta as Leis nº 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. D.O.U., 3 dez. 2004. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm). Acesso em: 15 de abril de 2017.

**BRASIL. Lei Nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009.** Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. D.O.U. 15.jan.2009. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato20072010/2009/Lei/L11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20072010/2009/Lei/L11904.htm). Acesso em: 14 de abril de 2017

**BRASIL. DECRETO Nº 6.949, de 25 de agosto de 2009.** Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. D.O.U. 26.ago.2009. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato20072010/2009/decreto/d6949.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20072010/2009/decreto/d6949.htm). Acesso em: 15 de abril de 2017.

**BRASIL. Lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). D.O.U. 7.jul.2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm). Acesso em: 15 de abril de 2017.

Diretoria de Políticas de Educação Especial Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão DPEE/SECADI/MEC. **NOTA TÉCNICA No 21 / 2012 / MEC / SECADI /DPEE sobre Orientações para descrição de imagem na geração de material digital acessível – Mecdaisy.** Brasília, Distrito Federal, Brasil. 2012.

FRANCO, Eliana Paes Cardoso; SILVA, Manoela Cristina Correia Carvalho. Audiodescrição: breve passeio histórico. IN: MOTTA, Lívia Maria Villela de Mello; FILHO, Paulo Romeu. **Audiodescrição: transformando imagens em palavras.** São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010. Disponível em: [http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/planejamento/prodam/arquivos/Livro\\_Audiodescricao.pdf](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/planejamento/prodam/arquivos/Livro_Audiodescricao.pdf). Acesso em: 19 de abril de 2017.

**INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE).** **Censo Demográfico 2010.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-1,-2,-3,128&ind=4642> Acesso em: 11 de abril de 2017.

**INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 1 DE 25 DE NOVEMBRO DE 2003.** Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Instrucao\\_Normativa\\_n\\_1\\_de\\_25\\_de\\_novembro\\_de\\_2003.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Instrucao_Normativa_n_1_de_25_de_novembro_de_2003.pdf). Acesso em: 15 de abril de 2017.

LIMA, Francisco José. **Introdução aos estudos do roteiro para áudio-descrição: sugestões para a construção de um script anotado.** Revista Brasileira de Tradução Visual, v. 7, n. 7, 2011.

MAIA, Thaisa Cristina Antonelli. **A AUDIODESCRIÇÃO COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO: PROPOSTA PARA O MUSEU DO EXPEDICIONÁRIO.** Relatório Final de Curso (tecnólogo) – Universidade Federal do Paraná . Curso de Tecnologia em Comunicação Institucional. Paraná. 2014. 85 p. Disponível em: <http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/39449/TCC-ThaisaMaia.TCI-UFPR2014.pdf?sequence=2> Acesso em: 18 de abril de 2017.

MIANES, Felipe Leão. **Consultoria em audiodescrição: alguns caminhos e possibilidades.** IN: CARPES, Daiana Stockey; SOSTER, Demétrio de Azeredo; MIANES, Felipe Leão; ROSA, Janine da Mota; JÚNIOR, Juarez Nunes de Oliveira; SCHWARTZ, Letícia; MICHELS, Lízia Regina Ferreira; DA SILVA, Maria Cristina Fortuna; BONITO, Marco Antonio; BRAGHIROLI, Melina Cardoso de Paula; MONTE, Mônica Magnani; DE ALMEIRDA, Patrícia Gomes; FILHO, Pedro Henrique Lima Praxedes. Audiodescrição: práticas e reflexões. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2016.

MICHELON, Francisca Ferreira. **Palavras que levam a imagens: Fotografia para ouvir.** Revista discursos fotográficos, Londrina, v.9, n.15, p.189-210, jul./dez. 2013

MOTTA, Lívia Maria Villela de Mello; FILHO, Paulo Romeu. **Audiodescrição: transformando imagens em palavras.** São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010. Disponível em: [http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/planejamento/prodam/arquivos/Livro\\_Audiodescricao.pdf](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/planejamento/prodam/arquivos/Livro_Audiodescricao.pdf). Acesso em: 19 de abril de 2017.

MOTTA, Livia Maria Villela de Mello. Prefácio. IN: CARPES, Daiana Stockey; SOSTER, Demétrio de Azeredo; MIANES, Felipe Leão; ROSA, Janine da Mota; JÚNIOR, Juarez Nunes de Oliveira; SCHWARTZ, Letícia; MICHELS, Lízia Regina Ferreira; DA SILVA, Maria Cristina Fortuna; BONITO, Marco Antonio; BRAGHIROLI, Melina Cardoso de Paula; MONTE, Mônica Magnani; DE ALMEIRDA, Patrícia Gomes; FILHO, Pedro Henrique Lima Praxedes. **Audiodescrição: práticas e reflexões.** Santa Cruz do Sul: Catarse, 2016.

PALETTA, Francisco. ;WATANABE, E. T. Y.; PENILHA, D. F. **AUDIOOLIVRO : inovações tecnológicas, tendências e divulgação.** Anais XV Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias. São Paulo, 2008. Disponível em: [www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/pdfs/2625.pdf](http://www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/pdfs/2625.pdf) . Acesso em: 20 de julho de 2016.

PEREIRA, Leandro Freitas; TAVARES, Carolina da Motta; NOGUEIRA, Carolina Gomes; SALAZAR, Desirré Nobre; ZAMBONI, Fernando de Paula; MICHELON, Francisca Ferreira. **ÁUDIO-DESCRIÇÃO: RECURSO EM MUSEUS UNIVERSITÁRIOS.** Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/files/2016/12/CULTURA-2016-.pdf>. Acesso em: 29 de maio de 2017.

ROSA, Janine da Mota; BONITO, Marco Antonio. Audiodescrição jornalística: Uma experiência no Museu do Jango/RS. IN: CARPES, Daiana Stockey; SOSTER, Demétrio de Azeredo; MIANES, Felipe Leão; ROSA, Janine da Mota; JÚNIOR, Juarez Nunes de Oliveira; SCHWARTZ, Letícia; MICHELS, Lísia Regina Ferreira; DA SILVA, Maria Cristina Fortuna; BONITO, Marco Antonio; BRAGHIROLI, Melina Cardoso de Paula; MONTE, Mônica Magnani; DE ALMEIRDA, Patrícia Gomes; FILHO, Pedro Henrique Lima Praxedes. Audiodescrição: práticas e reflexões. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2016.

SALASAR, Desirée Nobre.; CRUZ, Ubirajara Buddin. **As fotografias do Memorial do Anglo e as suas traduções para os outros sentidos**. Expressa Extensão, v.19,p.145-154,2014.

SARRAF, Viviane Panelli. **Reabilitação do Museu: Políticas de Inclusão Cultural por meio da Acessibilidade**. Dissertação (Mestre em Ciência da Informação), Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2008. 181 p. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-17112008-142728/pt-br.php>. Acesso em: 19 de abril de 2017.

SILVA, Maria Isabel da. **Estudo Comparado da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**/Maria Isabel da Silva – São Paulo: SEDPcD. 2015.

SILVA, Maria Isabel da. **LBI Na Prática: a Lei Brasileira de Inclusão na vida cotidiana das pessoas com deficiência**/Maria Isabel da Silva. – São Paulo: SEDPcD, 2016.

TAVARES, Carolina da Motta; CARDOSO, Bruna Peres; COELHO, Jossana Peil; MICHELON, Francisca Ferreira. **CONSERVAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO DE ACERVOS: INTERDISCIPLINARIDADE NO TRATAMENTO DA COLEÇÃO CCS (COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UFPEL)**. Disponível em: [http://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2015/MD\\_01615.pdf](http://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2015/MD_01615.pdf). Acesso em: 27 de abril de 2017.

VILARONGA, Iracema. “Olhares Cegos”: a audiodescrição e a formação de pessoas com deficiência visual. IN: MOTTA, Lívia Maria Villela de Mello; FILHO, Paulo Romeu. **Audiodescrição: transformando imagens em palavras**. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010. Disponível em: [http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/planejamento/prodam/arquivos/Livro\\_Audiodescricao.pdf](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/planejamento/prodam/arquivos/Livro_Audiodescricao.pdf). Acesso em: 19 de abril de 2017

## Fontes Orais

**Participantes do questionário aplicado na escola Louis Braille, nos dias 14 e 22 de junho de 2017**

Nome	Idade	Escolaridade	Local	Data
E.G	13 anos	5º ano	Escola Louis Braille	14 de junho de 2017
F.C	14 anos	3º ano	Escola Louis Braille	14 de junho de 2017
H.L	12 anos	4º ano	Escola Louis Braille	14 de junho de 2017
P.F	15 anos	5º ano	Escola Louis Braille	14 de junho de 2017
A.L	44 anos	3º ano	Escola Louis Braille	22 de junho de 2017
D.F	30 anos	Ensino de Jovens e Adultos - EJA	Escola Louis Braille	22 de junho de 2017
D.S	9 anos	3º ano	Escola Louis Braille	22 de junho de 2017
E.C	33 anos	Ensino de Jovens e Adultos - EJA	Escola Louis Braille	22 de junho de 2017
F.M	26 anos	Ensino de Jovens e Adultos - EJA	Escola Louis Braille	22 de junho de 2017
L.F	50 anos	6º ano	Escola Louis Braille	22 de junho de 2017
M.P	40 anos	4º ano	Escola Louis Braille	22 de junho de 2017

## Anexos

Anexo A - Questionário sobre audiodescrição aplicado ao aluno E.G no dia 14 de junho de 2017

Público Alvo	Local	Data
Alunos da Escola Louis Braille	Escola Louis Braille	14 de Junho de 2017
<b>Nome do aluno:</b> E. G.		
<b>Idade:</b> 13 anos		
<b>Escolaridade:</b> 5º ano		
<b>Sua deficiência é:</b> (X) Adquirida ou ( ) Congênita		
<b>Se for deficiência visual adquirida, desde que idade:</b> 6 meses		

### Questionário

1) Gostou de escutar as audiodescrições das fotografias?	(X) Gostei ( ) Não gostei
2) Com a audiodescrição você conseguiu imaginar a fotografia?	(X) Sim ( ) Não
3) Qual a fotografia mais lhe chamou atenção?	Todas as fotografias
4) E esta fotografia que você mais gostou possui muitos elementos?	(X) Sim ( ) Não
5) Você gostou de mais de uma fotografia?	(X) Sim ( ) Não
6) Quais fotografias que mais gostou?	Todas as fotografias
7) Você gostaria de conhecer mais fotografias do acervo?	(X) Sim ( ) Não
8) Você gostaria de deixar sua opinião sobre as audiodescrições apresentadas?	Gostou de todas as fotografias e disse que não precisava alterar nada.

**Anexo B - Questionário sobre audiodescrição aplicado ao aluno F.C no dia 14 de junho de 2017**

Público Alvo	Local	Data
Alunos da Escola Louis Braille	Escola Louis Braille	14 de Junho de 2017
<b>Nome do aluno:</b> F. C.		
<b>Idade:</b> 14 anos		
<b>Escolaridade:</b> 3º ano		
<b>Sua deficiência é:</b> ( ) Adquirida ou (X) Congênita		
<b>Se for deficiência visual adquirida, desde que idade:</b> -		

Questionário

1) Gostou de escutar as audiodescrições das fotografias?	(X) Gostei ( ) Não gostei
2) Com a audiodescrição você conseguiu imaginar a fotografia?	(X) Sim ( ) Não
3) Qual a fotografia mais lhe chamou atenção?	Todas as fotografias
4) E esta a fotografia que você mais gostou possui muitos elementos?	(X) Sim ( ) Não
5) Você gostou de mais de uma fotografia?	(X) Sim ( ) Não
6) Quais fotografias que mais gostou?	Todas as fotografias
7) Você gostaria de conhecer mais fotografias do acervo?	(X) Sim ( ) Não
8) Você gostaria de deixar sua opinião sobre as audiodescrições apresentadas?	Gostou de todas as fotografias e disse que não precisava alterar nada.

**Anexo C - Questionário sobre audiodescrição aplicado ao aluno H.L no dia 14 de junho de 2017**

Público Alvo	Local	Data
Alunos da Escola Louis Braille	Escola Louis Braille	14 de Junho de 2017
<b>Nome do aluno:</b> H. L.		
<b>Idade:</b> 12 anos		
<b>Escolaridade:</b> 4º ano		
<b>Sua deficiência é: ( ) Adquirida ou (X) Congênita</b>		
<b>Se for deficiência visual adquirida, desde que idade:</b> -		

Questionário

1) Gostou de escutar as audiodescrições das fotografias?	(X) Gostei ( ) Não gostei
2) Com a audiodescrição você conseguiu imaginar a fotografia?	(X) Sim ( ) Não
3) Qual a fotografia mais lhe chamou atenção?	Fotografia 14, conserto de comemoração aos 80 anos do Conservatório de Música, na gestão de Inguelore Scheunemann
4) E esta a fotografia que você mais gostou possui muitos elementos?	( ) Sim (X) Não
5) Você gostou de mais de uma fotografia?	(X) Sim ( ) Não
6) Quais fotografias que mais gostou?	Fotografia 5, assinatura de convênio da Universidade Federal de Pelotas, pelo reitor José Emílio Araújo
7) Você gostaria de conhecer mais fotografias do acervo?	(X) Sim ( ) Não
8) Você gostaria de deixar sua opinião sobre as audiodescrições apresentadas?	Todas as audiodescrições estavam boas

**Anexo D - Questionário sobre audiodescrição aplicado ao aluno P.F no dia 14 de junho de 2017**

Público Alvo	Local	Data
Alunos da Escola Louis Braille	Escola Louis Braille	14 de Junho de 2017
<b>Nome do aluno:</b> P. F.		
<b>Idade:</b> 15 anos		
<b>Escolaridade:</b> 5º ano		
<b>Sua deficiência é:</b> (X) Adquirida ou ( ) Congênita		
<b>Se for deficiência visual adquirida, desde que idade:</b> entre os 0 – 10 anos		

Questionário

1) Gostou de escutar as audiodescrições das fotografias?	(X) Gostei ( ) Não gostei
2) Com a audiodescrição você conseguiu imaginar a fotografia?	(X) Sim ( ) Não
3) Qual a fotografia mais lhe chamou atenção?	Fotografia 12, visita as Futuras Instalações da Universidade Federal de Pelotas, no antigo Frigorífico Anglo, na gestão de César Borges
4) E esta a fotografia que você mais gostou possui muitos elementos?	( ) Sim (X) Não
5) Você gostou de mais de uma fotografia?	(X) Sim ( ) Não
6) Quais fotografias que mais gostou?	Fotografia 14, conserto de comemoração aos 80 anos do Conservatório de Música, na gestão de Inguelore Scheunemann
7) Você gostaria de conhecer mais fotografias do acervo?	(X) Sim ( ) Não
8) Você gostaria de deixar sua opinião sobre as audiodescrições apresentadas?	Gostou de todas as fotografias e disse que não precisava alterar nada.

**Anexo E - Questionário sobre audiodescrição aplicado ao aluno A.L no dia 22 de junho de 2017**

Público Alvo	Local	Data
Alunos da Escola Louis Braille	Escola Louis Braille	22 de Junho de 2017
<b>Nome do aluno:</b> A. L.		
<b>Idade:</b> 44 anos		
<b>Escolaridade:</b> 3º ano		
<b>Sua deficiência é:</b> ( ) Adquirida ou (X) Congênita		
<b>Se for deficiência visual adquirida, desde que idade:</b> -		

Questionário

1) Gostou de escutar as audiodescrições das fotografias?	(X) Gostei ( ) Não gostei
2) Com a audiodescrição você conseguiu imaginar a fotografia?	(X) Sim ( ) Não
3) Qual a fotografia mais lhe chamou atenção?	Fotografia 10, assinatura do Convênio do Meio-Ambiente com a Universidade Federal de Pelotas, na gestão de Amilcar Gigante
4) E esta a fotografia que você mais gostou possui muitos elementos?	(X) Sim ( ) Não
5) Você gostou de mais de uma fotografia?	( ) Sim (X) Não
6) Quais fotografias que mais gostou?	Somente uma fotografia
7) Você gostaria de conhecer mais fotografias do acervo?	(X) Sim ( ) Não
8) Você gostaria de deixar sua opinião sobre as audiodescrições apresentadas?	Compreendeu todas as fotografias

**Anexo F - Questionário sobre audiodescrição aplicado ao aluno D.F no dia 22 de junho de 2017**

Público Alvo	Local	Data
Alunos da Escola Louis Braille	Escola Louis Braille	22 de Junho de 2017
<b>Nome do aluno:</b> D. F.		
<b>Idade:</b> 30 anos		
<b>Escolaridade:</b> Ensino de Jovens e Adultos - EJA		
<b>Sua deficiência é:</b> ( ) Adquirida ou (X) Congênita		
<b>Se for deficiência visual adquirida, desde que idade:</b> -		

**Questionário**

1) Gostou de escutar as audiodescrições das fotografias?	(X) Gostei ( ) Não gostei
2) Com a audiodescrição você conseguiu imaginar a fotografia?	(X) Sim ( ) Não
3) Qual a fotografia mais lhe chamou atenção?	Fotografia 14, conserto de comemoração aos 80 anos do Conservatório de Música, na gestão de Inguelore Scheunemann
4) E esta a fotografia que você mais gostou possui muitos elementos?	(X) Sim ( ) Não
5) Você gostou de mais de uma fotografia?	( ) Sim (X) Não
6) Quais fotografias que mais gostou?	Somente uma fotografia
7) Você gostaria de conhecer mais fotografias do acervo?	(X) Sim ( ) Não
8) Você gostaria de deixar sua opinião sobre as audiodescrições apresentadas?	Solicito a mudança do termo “Moça”, para o termo “Mulher”

**Anexo G - Questionário sobre audiodescrição aplicado ao aluno D.S no dia 22 de junho de 2017**

Público Alvo	Local	Data
Alunos da Escola Louis Braille	Escola Louis Braille	22 de Junho de 2017
<b>Nome do aluno:</b> D. S.		
<b>Idade:</b> 9 anos		
<b>Escolaridade:</b> 3º ano		
<b>Sua deficiência é:</b> ( ) Adquirida ou (X) Congênita		
<b>Se for deficiência visual adquirida, desde que idade:</b> -		

Questionário

1) Gostou de escutar as audiodescrições das fotografias?	(X) Gostei ( ) Não gostei
2) Com a audiodescrição você conseguiu imaginar a fotografia?	(X) Sim ( ) Não
3) Qual a fotografia mais lhe chamou atenção?	Fotografia 13, inauguração de placa comemorativa na faculdade de Ciências Domésticas, na gestão de Inguelore Scheunemann
4) E esta a fotografia que você mais gostou possui muitos elementos?	(X) Sim ( ) Não
5) Você gostou de mais de uma fotografia?	( ) Sim (X) Não
6) Quais fotografias que mais gostou?	Somente uma fotografia
7) Você gostaria de conhecer mais fotografias do acervo?	(X) Sim ( ) Não
8) Você gostaria de deixar sua opinião sobre as audiodescrições apresentadas?	Não quis deixar opinião

**Anexo H** - Questionário sobre audiodescrição aplicado ao aluno E.C no dia 22 de junho de 2017

Público Alvo	Local	Data
Alunos da Escola Louis Braille	Escola Louis Braille	22 de Junho de 2017
<b>Nome do aluno:</b> E. C.		
<b>Idade:</b> 33 anos		
<b>Escolaridade:</b> Ensino de Jovens e Adultos – EJA		
<b>Sua deficiência é:</b> (X) Adquirida ou ( ) Congênita		
<b>Se for deficiência visual adquirida, desde que idade:</b> Baixa visão		

### Questionário

1) Gostou de escutar as audiodescrições das fotografias?	(X) Gostei ( ) Não gostei
2) Com a audiodescrição você conseguiu imaginar a fotografia?	(X) Sim ( ) Não
3) Qual a fotografia mais lhe chamou atenção?	Todas as fotografias
4) E esta a fotografia que você mais gostou possui muitos elementos?	(X) Sim ( ) Não
5) Você gostou de mais de uma fotografia?	(X) Sim ( ) Não
6) Quais fotografias que mais gostou?	Todas as fotografias
7) Você gostaria de conhecer mais fotografias do acervo?	(X) Sim ( ) Não
8) Você gostaria de deixar sua opinião sobre as audiodescrições apresentadas?	Gostou de todas as fotografias

**Anexo I - Questionário sobre audiodescrição aplicado ao aluno F.M no dia 22 de junho de 2017**

Público Alvo	Local	Data
Alunos da Escola Louis Braille	Escola Louis Braille	22 de Junho de 2017
<b>Nome do aluno:</b> F. M.		
<b>Idade:</b> 26 anos		
<b>Escolaridade:</b> Ensino de Jovens e Adultos – EJA		
<b>Sua deficiência é:</b> ( ) Adquirida ou (X) Congênita		
<b>Se for deficiência visual adquirida, desde que idade:</b> -		

Questionário

1) Gostou de escutar as audiodescrições das fotografias?	(X) Gostei ( ) Não gostei
2) Com a audiodescrição você conseguiu imaginar a fotografia?	(X) Sim ( ) Não
3) Qual a fotografia mais lhe chamou atenção?	Fotografia 5, assinatura de convênio da Universidade Federal de Pelotas, pelo reitor José Emílio Araújo
4) E esta a fotografia que você mais gostou possui muitos elementos?	(X) Sim ( ) Não
5) Você gostou de mais de uma fotografia?	(X) Sim ( ) Não
6) Quais fotografias que mais gostou?	Fotografia 10, assinatura do Convênio do Meio-Ambiente com a Universidade Federal de Pelotas, na gestão de Amilcar Gigante
7) Você gostaria de conhecer mais fotografias do acervo?	(X) Sim ( ) Não
8) Você gostaria de deixar sua opinião sobre as audiodescrições apresentadas?	Não quis deixar opinião

**Anexo J - Questionário sobre audiodescrição aplicado ao aluno L.F no dia 22 de junho de 2017**

Público Alvo	Local	Data
Alunos da Escola Louis Braille	Escola Louis Braille	22 de Junho de 2017
<b>Nome do aluno:</b> L. F.		
<b>Idade:</b> 50 anos		
<b>Escolaridade:</b> 6º ano		
<b>Sua deficiência é:</b> (X) Adquirida ou ( ) Congênita		
<b>Se for deficiência visual adquirida, desde que idade:</b> 42 anos		

Questionário

1) Gostou de escutar as audiodescrições das fotografias?	(X) Gostei ( ) Não gostei
2) Com a audiodescrição você conseguiu imaginar a fotografia?	(X) Sim ( ) Não
3) Qual a fotografia mais lhe chamou atenção?	Fotografia 3, inauguração do Pórtico do Campus Capão do Leão da Universidade Federal de Pelotas, na gestão de Ibsen Stephan
4) E esta a fotografia que você mais gostou possui muitos elementos?	( ) Sim (X) Não
5) Você gostou de mais de uma fotografia?	(X) Sim ( ) Não
6) Quais fotografias que mais gostou?	Fotografia 10, assinatura do Convênio do Meio-Ambiente com a Universidade Federal de Pelotas, na gestão de Amilcar Gigante
7) Você gostaria de conhecer mais fotografias do acervo?	(X) Sim ( ) Não
8) Você gostaria de deixar sua opinião sobre as audiodescrições apresentadas?	Não quis deixar opinião

**Anexo K - Questionário sobre audiodescrição aplicado ao aluno M.P no dia 22 de junho de 2017**

Público Alvo	Local	Data
Alunos da Escola Louis Braille	Escola Louis Braille	22 de Junho de 2017
<b>Nome do aluno:</b> M.P.		
<b>Idade:</b> 40 anos		
<b>Escolaridade:</b> 4º ano		
<b>Sua deficiência é:</b> (X) Adquirida ou ( ) Congênita		
<b>Se for deficiência visual adquirida, desde que idade:</b> 33 anos		

**Questionário**

1) Gostou de escutar as audiodescrições das fotografias?	(X) Gostei ( ) Não gostei
2) Com a audiodescrição você conseguiu imaginar a fotografia?	(X) Sim ( ) Não
3) Qual a fotografia mais lhe chamou atenção?	Fotografia 11, anúncio da campanha para o Hospital da Universidade Federal de Pelotas, na gestão de César Borges
4) E esta a fotografia que você mais gostou possui muitos elementos?	(X) Sim ( ) Não
5) Você gostou de mais de uma fotografia?	(X) Sim ( ) Não
6) Quais fotografias que mais gostou?	Todas as fotografias
7) Você gostaria de conhecer mais fotografias do acervo?	(X) Sim ( ) Não
8) Você gostaria de deixar sua opinião sobre as audiodescrições apresentadas?	Gostou de todas as fotografias e disse que não precisava alterar nada.

## Apêndices

**Apêndice A – QUESTIONÁRIO SOBRE ÁUDIO- DESCRIÇÃO DA COLEÇÃO  
COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL- CSS**

Público Alvo	Local	Data
Alunos da Escola Louis Braille	Escola Louis Braille	Junho de 2017
<b>Nome do aluno:</b>		
<b>Idade:</b>		
<b>Escolaridade:</b>		
<b>Sua deficiência é: ( ) adquirida ou ( )Congênita</b>		
<b>Se for deficiência adquirida, desde que idade:</b>		

**Questionário**

1) Gostou de escutar as áudio-descrições das imagens ?	( ) <b>Gostei</b> ( ) <b>Não gostei</b>
2) Com a áudio-descrção você conseguiu imaginar a fotografia?	( ) <b>Sim</b> ( ) <b>Não</b>
3) Qual a fotografia mais lhe chamou atenção?	
4) Esta fotografia que você mais gostou possui muitos elementos?	( ) <b>Sim</b> ( ) <b>Não</b>
5) Você gostou de mais de uma fotografia?	( ) <b>Sim</b> ( ) <b>Não</b>
6) Quais fotografias que mais gostou?	
7) Você gostaria de conhecer mais fotografias do acervo?	( ) <b>Sim</b> ( ) <b>Não</b>
8) Você gostaria de deixar sua opinião sobre as áudio-descrições apresentadas?	

**Apêndice B** – Participantes do questionário aplicado na escola Louis Braille, nos dias 14 e 22 de junho de 2017

Nome	Idade	Escolaridade	Local	Data
E.G	13 anos	5º ano	Escola Louis Braille	14 de junho de 2017
F.C	14 anos	3º ano	Escola Louis Braille	14 de junho de 2017
H.L	12 anos	4º ano	Escola Louis Braille	14 de junho de 2017
P.F	15 anos	5º ano	Escola Louis Braille	14 de junho de 2017
A.L	44 anos	3º ano	Escola Louis Braille	22 de junho de 2017
D.F	30 anos	Ensino de Jovens e Adultos - EJA	Escola Louis Braille	22 de junho de 2017
D.S	9 anos	3º ano	Escola Louis Braille	22 de junho de 2017
E.C	33 anos	Ensino de Jovens e Adultos - EJA	Escola Louis Braille	22 de junho de 2017
F.M	26 anos	Ensino de Jovens e Adultos - EJA	Escola Louis Braille	22 de junho de 2017
L.F	50 anos	6º ano	Escola Louis Braille	22 de junho de 2017
M.P	40 anos	4º ano	Escola Louis Braille	22 de junho de 2017